

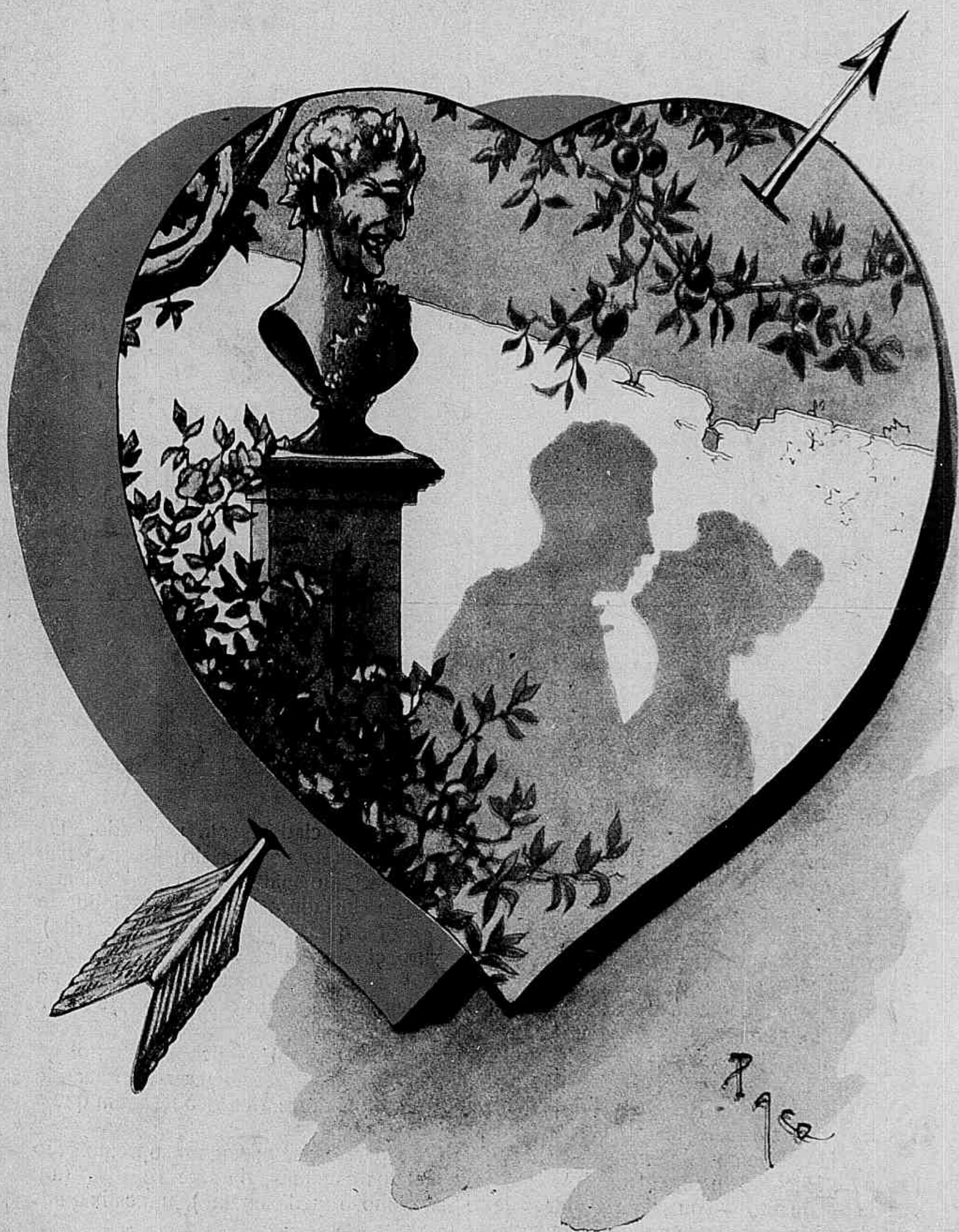
Num.
27
Anno I



DIRECTOR:

CONSELHEIRO X. X.

12
de Agosto
1922



EFFEITOS DO LUAR

A SAUDE DA MULHER

O PROBLEMA DA FELICIDADE FEMININA

*O enunciado de
Bataille:*

A felicidade não é
ser feliz: é não soffrer.

A solu ão logica:

Para que a mulher
não soffra, basta usar
"A SAUDE DA MULHER"

que combate todos os
incommodos de Se-
nhoras.



A' BRASILEIRA

Largo de S. Francisco
38 — 42



resolvida a proporcionar a todas
as classes sociaes um prazer que,
em geral, só toca aos ricos, está
vendendo a preços minimos um

IMMENSO, VARIADISSIMO E DESLUMBRANTE STOCK

DE

Roupas brancas para Senhoras e Senhoritas

Tudo quanto ha de mais
fino, de mais elegante, de
mais confortavel.

Confecção a mais artistica,
tecidos de optima qualidade.

ARTIGOS PARA CRIANÇAS

— DE —

AMBOS OS SEXOS

E DE TODAS AS EDADES

Vestidinhos dos mais elegantes
e originaes modelos.

Roupinhas lindas e confortaveis.

Roupas brancas,
chapeus, gorros, casacos de lã.

UMA INFINIDADE DE
MODELOS A ESCOLHER!

Visitem a

A' BRASILEIRA

A' BRASILEIRA

A Casa dos
PREÇOS MINIMOS
e dos maiores sor-
timentos

**A Loteria da Cruz
Vermelha Brasilei-
ra será extrahida
em 7 de Setembro
e fará a indepen-
dencia dos porta-
dores dos bilhetes
premiados.**

Casa Gaúcho

não tem filiaes

Loterias, commissões e descontos

L. COSTA & C.

RUA CHILE, 3

Telephone Central 5470

Ender. telegr. GAÚCHO

Caixa Postal 481

RIO DE JANEIRO

Rheumatismo... Syphilis...

Talvez tenha tomado todos os depurativos annunciados, sem resultado. De facto estes medicamentos contém sómente mercurio e iodureto de potassio — e isto não basta. E' indispensavel que estes dois ingredientes que tanto mal fazem ao organismo, possuam um outro elemento capaz de corrigir o estrago causado pelo mercurio e iodureto de potassio (este elemento é o arsenico **base do 914** e que tantos milagres tem feito). O mercurio e iodureto de potassio produzem perturbações e muitas vezes lesões no estomago, bocca, nariz, ouvidos, cabeça e innumeras espinhas e manchas de pelle; no entanto se esses medicamentos fossem preparados segundo as ultimas descobertas scientificas, evitar-se-iam os estragos que os mesmos produzem.

Em geral os doentes que soffrem de rheumatismo, feridas, comichões, pannos no rosto, espinhas e outras molestias da pelle, só conseguem restabelecer-se tomando "**AVARICURA**" e isto pelo simple facto de ser a mais recente descoberta em que o arsenico produz os seus inegalaveis effeitos.

Não devemos descurar da belleza physica e para conseguirmos o supremo gráo de saude, felicidade e eugenismo, devemos tomar todos os annos, durante **30 dias** (um mez de tratamento — ou sejam 6 vidros deste maravilhoso medicamento), um calix antes de cada refeição. Não tem dieta nem regimen especial.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

Pedidos a **Rodolpho Hess & Cia.** — **Rua Sete de Setembro, n. 63** —
Rio de Janeiro.

Depositarior: **PLINIO CAVALCANTI & C.^{ta}**



**REGULADOR
FONTOURA**

O GRANDE
REMEDIO
DAS SENHORAS

TONICO RESTAURADOR
UTERINO

CURA DOENÇAS DO
UTERO

REGULARISA A
MENSTRUACÃO

CURA
TODOS OS ESTADOS MORBIDOS
DOS ORGÃO FEMINOS

Rua Senador Dantas, 45 - RIO DE JANEIRO



Formula de Cléo de Merode, a artista que dominou Paris pela sua rara belleza. Á venda em todas as boas perfumarias e pharmacias. Depositarior: Domingues & C. — Avenida, 149 (2.^o andar).

**MELHOR QUALIDADE
MENOR PREÇO**

CAMISAS modelo americano em zephis, lulzine, percal, seda, etc., pyfamas, cuecas, meias, gravatas, lenços, collarinhos, ligas, suspensorios, camisas e ceroulas de malha de lã, cache-nez e cache-col de lã e de seda, etc., etc.

Na CASA ESTRELLA
OUVIDOR, 134



COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 43

Hoje, Sabbado, 12 de Agosto, Ás 3 horas da tarde
GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

100:000\$0000

INTEIROS, 22\$000 — EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sêde da Companhia á Rua 1.^o de Março, 88.

GRIPPE? Drogaria Werneck
GRIPPOSANOL

LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras
Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:
J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.

Catador "Progredior"

Temos o catador "PRO-
GREDIOR", combinado
com esbrugador, machina
de grande vantagem para
o perfeito beneficio do café.
Temos tambem o sepa-
rador "SINGELO".

Peçam catalogo illus-
trado a

Martins Barros & Cia. Ltda.

End. Teleg.: "PROGREDIOR"

CAIXA, 6
S. PAULO

LUETYL

é o melhor remedio para o tratamento de
todas as enfermidades provenientes das
impurezas do sangue e da syphilis.

✦ Poderoso fortificante. ✦

UM SO' VIDRO FORTALECE E AUGMENTA O
PESO DE 1 A 3 KILOS E AS VEZES MAIS

Unico especifico adop-
tado nos hospitaes do
Exercito e da Marinha
depois de OFFICIALMEN-
TE, estudado e experi-
mentado, ficando pro-
vado o seu incomparavel
::: valor :::



Unico receitado pelos
especialistas para o tra-
tamento e diagnostico
da syphilis, por ser de
efeito muito rapido e
absolutamente inoffen-
sivo a qualquer orga-
::: nismo :::

Um vidro de LUETYL vale por cinco ou dez
de qualquer outro. Experimente.

Tomando um vidro de Luetyl e não sentindo melhora, não de-
verá tomar outro, porque não sentindo melhora alguma, o que
soffre não é devido syphilis ou sangue impuro.



A viuva Theodoro Berredo começava a desanimar da possibilidade de um segundo casamento, quando, uma tarde, teve uma idéa: publicar um annuncio em qualquer jornal de grande circulação, offerecendo a sua mão de esposa a um cavalheiro que preenchesse as condições do seu desejo.

Certo, Dona Mundica, se quizesse, arranjaria na cidade um noivo, ou dois, ou dez. A sua fantasia possuía, porém, caprichos curiosos: queria um homem honrado, embora de meia idade, preferindo um fazendeiro, e que residisse no interior. O annuncio foi redigido com intelligencia, e, uma semana depois, começava a apparecer, em logar de destaque, nas ultimas paginas de um grande matutino da capital.

Ao fim de alguns dias, principiaram a chegar as propostas. Umas, eram tímidas, confusas, ou mal escriptas, patenteando espiritos grosseiros, atrasados, ou materialões. Outras chegavam a ser desaforadas, denunciando individuos sem compostura, cogumellos nascidos, á tóa, na podridão dos cabarets cariocas. E entre umas e ou-

tras, a de um tal Antonio Patricio Fernandes, que se dizia fazendeiro em Uberaba, de onde a carta era datada, e identificada com o carimbo do correio.

Esse Antonio Patricio, pelas maneiras epistolares, agradou á viuva. Tinha, dizia elle, trinta e sete annos, possuía gado, terras e dinheiro, e não era, de todo, feio. Encantada, Dona

Mundica respondeu. Veio outra carta; foi outra resposta; e durante mez e meio permaneceu a moça nesse noivado, correspondendo-se semanalmente com o homem que a sorte lhe destinava.

Uma tarde, bateram á porta da casa de mme. Berredo. E dentro em pouco, estavam, na sala, frente a frente, a encantadora viuva do saudoso Theodoro e o seu misterioso admirador, Antonio Patricio Fernandes.

Desde o primeiro golpe de vista, a argucia feminina de Dona Mundica notou que o seu «fazendeiro» era desembaraçado demais para proceder, como dizia, das visinhanças de Uberaba. E era essa suspeita mesmo que se confirmava, quando, momentos depois, o visitan-

O FILHO DO ACTOR



ELLE (recitando):

"Tu choraste em presença da morte?
Si choraste... meu filho não é!"

AS DÔRES DE CABEÇA NOCTURNAS E O RHEU- MATISMO CARACTERISAM A SYPHILIS

"... os meus soffrimentos não tinham pausa! Meu quarto era um arsenal de medicamentos... um inferno! Seguindo doente de Belém para Recife, ali consultei o Dr. Aristides Juvenal que diagnosticou ser a syphilis a causa daquellas dôres de cabeça nocturnas e do rheumatismo agudo que me desatinavam. Receitou-me o "POLLANG" e devo dizer-lhes, aliás, sem favor nenhum, que ao cabo de dois vidros, desapareceram todos os meus horribes soffrimentos. De todo coração devo dizer-lhes que..." etc...

Acelino Pupe — Recife.

IMPOSSIBILITADO DE TRABALHAR POR UMA INFECCÃO VENEREA

... Abandonei o trabalho de que tanto necessitava para o sustento da familia. Contrahi uma enfermidade venerea que me fazia passar momentos horribes e para curar-me tomei uma porção de medicamentos que me receitavam.

Continuava sempre no mesmo. Felizmente li os attestados do depurativo "POLLANG" e graças a Deus, depois de tomar 4 vidros fiquei completamente bom, tendo até engordado.

S. Paulo, 14 de Maio de 1922.

Guarda Freio — José Rufino Viegas.

COM ECZEMA NOS PÉS, DE ORIGEM SYPHILITICA, NÃO PODIA CAMINHAR

A comichão produzida por uma eczema nos pés não me deixava dormir; tinha-os em deploravel estado, numa verdadeira chaga, dissorando uma aguadilha gommosa e fedida que se ia propagando pelas pernas, não me permitindo caminhar. Recorri aos medicos, fiz applicações de varias pomadas e só com o "POLLANG" consegui livrar-me desse estado e hoje restabelecido aconselho a todos o "POLLANG" como o unico purificador do sangue.

Adhemar Werneck.

Nictheroy — E. do Rio.

POLLANG

O mais seguro **DEPURATIVO** do sangue, efficaç **DESTRUIDOR** dos microbios da syphilis.

Resultados **ABSOLUTAMENTE** positivos no **RHEUMATISMO** agudo ou chronico.

A syphilis póde attribuir-se grande parte das enfermidades que nos affectam e de que muitas vezes ignoramos as causas.

Assim: escrophulas — tumores — feridas purulentas — eczemas — inflamações nos ovarios — doenças uterinas
placas e manchas no rosto e no corpo.
corrimentos do nariz — asthma — paralysias — orchites
feridas na garganta, na lingua, no céu da bocca
dôres de cabeça — lesões cardiacas
cancro duro — ulceras

purgações dos olhos, fétido e doenças do nariz e todas as outras manifestações syphiliticas encontrarão no **POLLANG** acção prompta e sempre resultados certos.

Em todas as drogarias e pharmacias

Os contos do almirante

A carta
do Juvencio

O Juvencio, filho mais velho do coronel Antonio Benigno, fazendeiro no Cariré, no Ceará, estava casado ha menos de vinte dias, quando, ao regressar inesperadamente de uma visita á fazendola, notou a presença de um homem junto á cerca do seu quintal. Deu volta á casa, e, ao chegar perto, viu: a sua mulher, a Belinha, estava aos beijos com o Cazuzinha Monteiro, conquistador profissional, cuja audacia tinha feito a infelicidade, já, de varias familias da localidade.

Constatada a semvergonhice da esposa, correu á casa dos paes, e, contando-lhes o occorrido, explicou o seu proposito:

— Embarco amanhã mesmo para o Amazonas, para o Acre, para o Inferno. Vou curtir a minha vergonha longe d'aqui, num lugar em que ninguem me conheça!

E, no dia seguinte, cumpria, sereno, a deliberação tomada.

Durante seis mezes não houve, no Cariré, a menor noticia do rapaz. Pessoas vindas do norte diziam tel-o visto em Belém, de passagem para o alto Madeira. Outros affirmavam tel-o encontrado em Manaus, com a idéa de subir o Solimões. O certo era, porém, que ninguem o tinha visto, nem sabia, sequer, antes da chegada ao Ceará, que o filho do Antonio Benigno havia abandonado o sertão.

Ao fim de um anno e quatro mezes, estava Dona Perpetua a dar de comer ás gallinhas, quando o velho João Thimoteo, agente do correio, enveredou pela casa, até sahir no quintal.

— Minhas alviças! Minhas alviças! — exclamava, exhibindo um envelope. — Uma carta do filho!

Commovida, as pernas tremulas, Dona Perpetua deixou cahir ao chão, pesada, a cuia do milho. E foi com os olhos humidos, enxugando as mãos humidas e grosseiras no fólho da saia de chita que pediu:

— Leia, compadre. Leia; sim?

O velho sertanejo tirou do bolso da blusa de riscado os oculos de aro ordinario, amarrados, já, com fios de linha preta, escanchou-os no nariz grosso, abriu o envelope, exhumou d'elle uma folha de papel, e, pondo-a á distancia, começou a leitura.

As noticias eram boas. Chegado ao Pará havia o rapaz encontrado logo um patricio, o Antonio Bandeira, de Morada Nova, dono de uns seringaes no Xapury. Entrara em accordo com elle, fizera sociedade, e era, agora, com a sahida do socio, proprietario unico das terras da Cachoeira, até a confluencia do rio Mandurubeba. E terminava, entusiasmado:

— «O Amazonas, minha mãe, é um verdadeiro Paraizo. Só não enriquece aqui aquelle que não quer trabalhar. Nunca vi uma terra tão farta, nem um clima tão bom. A menor plantação dá dinheiro. O menor trabalho dá recompensa. E eu só queria que os maridos enganados, ahi do Cariré, fizessem como eu, porque esta terra estaria, em breve, coberta de riquezas. Diga, pois, por ahi, minha mãe, que eu não desampararei os meus companheiros de desgraça, e que cada esposo trahido, dos que ahi vivem, me encontrará, aqui, de braços abertos, para recebê-lo e ajudá-lo».

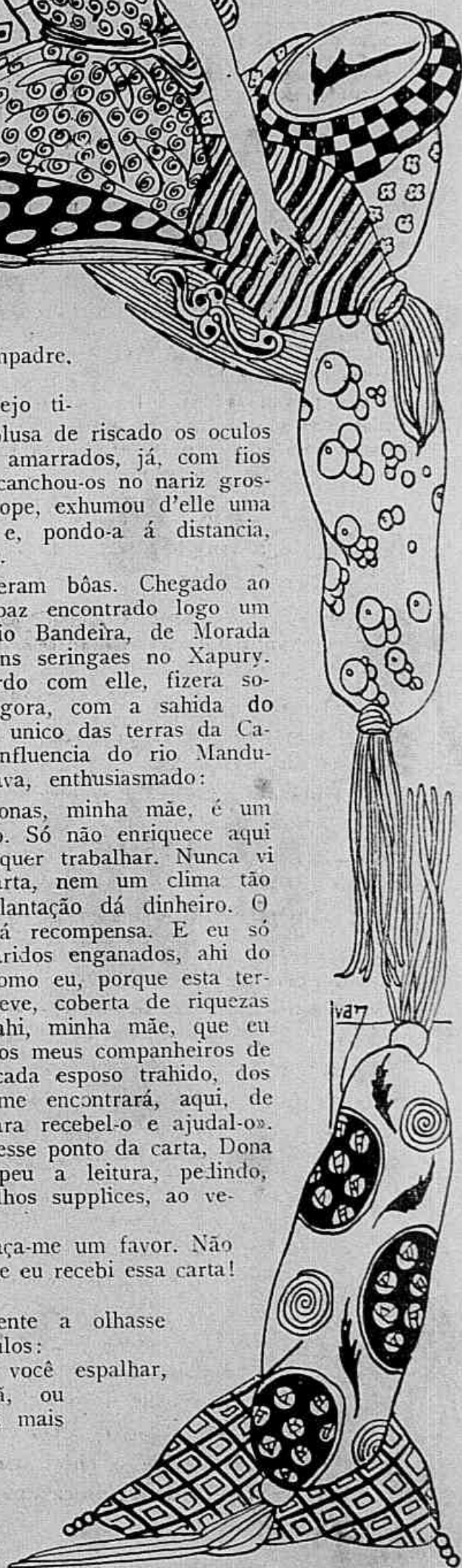
Ao chegar a esse ponto da carta, Dona Perpetua interrompeu a leitura, pelindo, as mãos juntas, olhos supplices, ao velho Thimoteo:

— Compadre, faça-me um favor. Não diga a ninguem que eu recebi essa carta! Sim?

E como o agente a olhasse por cima dos oculos:

— Porque, se você espalhar, compadre, amanhã, ou depois, não haverá mais um unico homem no Cariré!

Almirante Justino Ribas



A última posição



Desde a vespera os médicos haviam considerado desesperador o estado de mme. Carvalho Soutello. A molestia de curação que a perseguia desde menina, tomara proporções graves depois do nascimento do primeiro filho. O aspecto da enferma era bom. Mostrava boas cores, excellente presença de espirito, como se nada tivesse. De vez em quando, porém, vinha a crise, o coração perdia o ritmo, fugia o pulso, e a família se alarmava. E era natural.

— Uma d'essas crises — informava o medico, — pode ser fatal. Ella pode morrer.

E era na expectativa da morte que estava toda a familia. A tarde, o doutor verificara que, mais um ataque d'elles, e seria o ultimo acto do drama. E foi consciente do seu estado, lendo a preocupação, a afflicção, o horror do desenlace nos olhos de todos, que Dona Helena pediu:

— Eu quero morrer christamente; sabem? Chamem um padre. Desejo confessar-me.

Uma hora depois entrava no quarto da enferma, phisionomia empungida, com os grandes olhos empapucados defendidos pelo vidro grosso dos oculos, a suave santidade do conego Liberato. Ao vel-o, Dona Helena tivera um estremeimento. Pela primeira vez sentira a gravidade do seu estado. As vestes escuras do sacerdote pareceram-lhe, naquella instante, uma visão, já, da outra vida. Levantou, porém, os braços muito claros, muito torneados, compondo negligente-



mente os flocos de ouro do cabello, ensaiando um sorriso de boas vindas.

Antes de iniciar a confissão, verificando que a enferma era um espirito forte, conego Liberato começou a preparal-a para a morte.

— Deixe aqui na terra, filha, aqui na torpeza do mundo, todos os pensamentos terrenos. Deus a espera, nas alturas, com os divinos laços da sua misericórdia. Repare-se, pois.

E recordando o seu estado:

— Lembre-se, filha, que está, já, com um pé na terra e outro no céu!

A essa palavras, a enferma sorriu. E foi com aquelle mesmo sorriso que a acompanhara toda a vida, que pediu:

— Então, senhor conego, faça-me um favor.

E bregeira:

— Não olhe para cima... Sim?

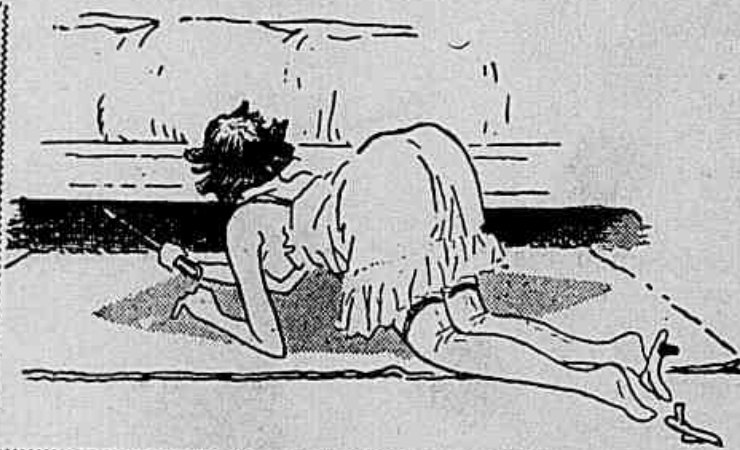
Tenente Martins

te confessou chamar-se Paulo Messias, residir no Rio, onde era funcionario publico, e ter usado desse expediente para approximar-se da sua pessoa. As cartas assignadas por Antonio Patricio eram da sua autoria, sendo expedidas daquella

cidade mineira por um amigo alli residente. Esperava, entretanto, que a sua figura não desagradasse de todo, e que condescendesse no camento, aceitando a sua mão pobre, mas honrada.

A surpresa de Dona Mundica foi grande. A sua ambição era um fazendeiro idoso, e rico. Valeria a pena, porém, dispensar aquelle rapaz tão gentil, e de tão boas maneiras, por um marido que podia não vir? E assim meditando, aceitou a mão do pelintra, e foi com elle, vinte dias depois, á egreja e ao pretor.

A viúva de Theodoro Berredo não era, porém, um espirito commum. Concebida uma fantasia, não era com facilidade que a abandonava. Jovem, forte, Paulo Messias era um admiravel marido. Estampa não lhe faltava. Poucos seriam, tão decorativos. A imaginação ardente da moça continuava, porém, a vagar pelas campinas mineiras, entre o choro virgiliano das fontes e o mugido cavernoso do gado.



E as consequencias d'essa obsessão foram inevitaveis. Uma tarde, regressava o rapaz da sua repartição, onde o ponto se encerrara mais cedo, quando, á porta, ouviu na sala umas risadinhas garotas, de mistura com um vozeirão de homem.

Subiu pé ante pé e, empurrando a porta, que se achava encostada, recuou: no sofá, os lindos cabellos soltos, Dona Mundica enlaçava pelo pescoço, sentando-lhe nos joelhos de pilastra, um cavalheiro gordo, grisalho, cara vermelha, de peito atravessado por uma corrente de ouro, pintalgada de brilhantes, e em cujo dedo rutilava, irritante, uma pedra de varios contos de reis.

— Que é isso? — rugiu o rapaz, emmoldurado pela porta. — Que é isso?

O cavalheiro ficou livido, immovel, a bocca escancarada. Dona Mundica, porém, não perdeu o animo. Levantou-se e, sublime, avançou para o marido:

— Isto, é... isto mesmo; sabe? Eu escrevi demais pra Minas, para não ter direito a um «coronel»!

E voltou, mimosa, aos joelhos do bicho.

X. X.



5 de Agosto de 1922

A MAÇA

FIGURAS PROMISSORIAS

(HOMENS DE LETRAS)



BASTOS TIGRE

BASTOS TIGRE



A fornada de engenheiros que cosia o ultimo anno do curso, em 1909, na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, era das mais brillhantes que alli se tem preparado. Certo, raros seriam os estudantes que se davam ao estudo das forças d'agua, da resistencia dos materiais e da compensação dos aterros na

construção das estradas de ferro. Poucos eram, porém, os que não sabiam medir um verso ou equilibrar, num milagre, a trave de uma idéa sobre as duas pilastras de um periodo.

Manoel Bastos Tigre é dessa geração e dessa turma. Nascido no interior de Pernambuco, onde o pae possuía um engenho, passava os dias a ler a «Historia do Imperador Carlos Magno», «Os dois corcundas» e a «Princesa Magalona», quando, uma tarde, procurou o velho, comunicando:

— Meu pae, eu tambem tenho um engenho!

— Tu? E onde fica isso?

Tigre, que tinha na intimidade o diminutivo de Manequinho, bateu gravemente na testa, como Chenier:

— Aqui! — disse.

Remettido para o Recife, onde fizera os preparatorios, embarcou o primeiro Manequinho brasileiro para a capital da Republica, destinado á Polytechnica. E foi ali que, sob os olhos vigilantes dos professores, começou a estudar, na paciência dos examinadores, as leis da resistencia, em provas escriptas e oraes que se tornaram famosas.

Em um dos annos do curso, cahiu-lhe para exame a utilização de um apparelho destinado a medir a correnteza dos cursos d'agua.

— Qual é o apparelho com que se mede a força dos rios? — indagou o examinador.

Tigre passou a vista em torno, e, dando com os olhos em um pequeno engenho que vira pintado nos livros, apontou:

— E' aquelle.

— E como é que se utiliza aquelle apparelho? — tornou o mestre.

Bastos Tigre coçou a cabeça, por um instante, e avançou para o pequeno machinismo. Tomou-o nas mãos, virou-o, revirou-o, e, de subito, explicou:

— E' assim: pega-se este tubo, e mergulha-se no rio. Depois, vae-se andando... vae-se andando... vae-se andando... vae-se andando... vae-se andando...

E sahiu, porta a fora, com o apparelho, para não voltar mais á aula, onde a mesa examinadora, indignada com a pilheria, lhe deu «zero», nesse anno.

Recebido o diploma de engenheiro electricista, seguiu Manequinho Bastos Tigre para Pernambuco, em visita á familia. A sua chegada á fazenda constituiu

o acontecimento mais retumbante do municipio. Deslumbrado com os triumphos do filho, o velho Tigre incumbiu-o de montar um engenho a vapor, cujos machinismos acabavam de chegar dos Estados Unidos. Durante dois meses o novo engenheiro luctou, pon-do cylindro sobre cylindro, peça sobre peça, parafuso sobre parafuso. Dada por prompta a montagem, foi ordenada a experiencia. Collocado a duzentos metros de distancia, com o pae e os irmãos, Tigre puxou um cordão, para accionar a machina. E o resultado foi um estouro, acompanhado de fumaceira, que foi ouvido a quinze kilometros de distancia.

Verificada a extensão do desastre, o velho abraçou o moço engenheiro sobre os ombros da machina, e deliberou:

— Vae partir para a America. Embarcas no primeiro vapor que toque no Recife. Compra lá um engenho, e vê, direito, como se monta isso.

Bastos Tigre abraçou o pae, e partiu. Em Nova-York passou um mez, visitando theatros, bibliothecas, estaleiros, casas de diversões. Foi a Chicago, a Philadelphia, a São Francisco, a Boston, a São Luiz. Na universidade de Massachusetts, em que se matriculou, fez um novo curso de electricidade, e embarcou para o Brasil. Chegando ao Rio, onde já havia deixado o seu nome nos «Pingos e respingos» do «Correio da Manhã», procurou Miguel Calmon, então ministro da Agricultura.

— Doutor — disse, — eu tenho estudos especiaes sobre a applicação das quedas d'agua. Venho cheio de esperanças, de planos, de idéas. Esou ás suas ordens.

— Muito bem, — applaudiu o ministro. — Você vae ser nomeado fiscal da empresa que utiliza as quedas d'agua de Paraguassú, na Bahia.

Dois dias depois foi Tigre chamado ao ministerio.

— Infelizmente — communicou-lhe Miguel Calmon, — não posso cumprir o que prometti. — O presidente Penna possuía um candidato, que urgia attender. Trata-se de um pobre homem, cego de um olho, e paralytico de um lado, que não tem do que viver. Você é moço, pode esperar.

Tigre applaudiu:

— Pois, não, doutor. Estou

de accôrdo. Lamento apenas uma cousa: é que o homem, para fiscalisar melhor, não seja cego dos dois olhos e inteiramente paralytico!

Dias depois, entretanto, lia Bastos Tigre, nos jornaes, uma noticia sensacional: havia sido nomeado «ajudante do petrographo e etnologo do Serviço Geologico da Republica», com funções, então, na repartição dirigida pelo sapientissimo Orville Derby. E' d'esse tempo aquelle seu famoso soneto philosophico da



DIREITOS

AUTORAES

Toda a vez que passava por São Luiz uma companhia nacional, a Eugeninha sentia uma comichão na alma.

Uma voz, de que não sabia a origem, dizia-lhe ao ouvido que viria a ser uma grande artista, uma brilhante figura do palco, e era encantada, e de olhos fechados, que ella ouvia, em segredo, essa promessa misteriosa. E tanto a voz insistiu, teimando, que, um dia, a menina abandonou a casa, a familia, a Escola Normal, fugindo para o norte, como corista de uma «troupe» itinerante.

Em Belém e, sobretudo, em Manaus, a belleza incontestavel da mocinha obteve um successo formidavel. Telegrammas do Maranhão haviam annuciado a sua fuga, o escandalo do seu desaparecimento romanesco, despertando a curiosidade geral. Sabia-se que o pae ficara desolado, quasi á morte; conhecia-se a resolução da familia, que jurara mata-la, quando ella passasse para o sul. E tudo isso contribuiu para collocar em relevo a graciosa maranhense, fazendo com que o empresario lhe desse, de um dia para outro, o logar de segunda «estrella» da companhia.

Deslumbrada com os successos obtidos, Eugeninha, que tomara, em arte, o nome de Alba Maria, entregou-se, de corpo e alma, á vida theatral. Contractada para o Rio, embarcou no Pará, com destino a Fortaleza, em um navio que não tocava em São Luiz. E, ao fim de dois mezes, estava no Rio, onde a sua graça, os seus olhos, os seus cabellos castanhos, a sua bocca pequenina, o conjunto, em summa, da sua formosura harmoniosa, contribuiam, dia a dia, para a fama, cada vez maior, do seu nome de guerra.

Abandonado na sua chacara do Caminho Grande, o coronel Bonifacio de Faria chorava, soturno, a sua infelicidade. Pobre, a sua esperanza repousava, inteira, naquella filha, pelo casamento que ella fizesse. A fuga da menina destruiu, porém, pela base, o seu castello de sonhos, deixando-lhe apenas, para a velhice, aquelle punhado de lama, que elle regava, dia e noite, com as lagrimas da sua vergonha.

No Rio, onde Viriato Corrêa lhe dera mão forte, contractando-a para o «Trianon», Alba Maria ganhava terreno. Possuía joias caras, possuía vestidos ricos, possuía dinheiro abundante. E foi no esplendor dessa situação que, em palestra com o seu patricio e empresario, indagou, um dia:

— Diga-me uma cousa, Vi-

riato: que é que significa «direitos de autor»?

— «Direitos de autor» — explicou o pequenino e illustre co-proprietario do gracioso theatrinho da Avenida, — é a parte que toca, nos lucros, a quem faz uma peça.

E para esclarecer melhor:

— Por exemplo: eu escrevo uma comedia; a empresa monta-a, fazendo todos os gastos. Ao fim da representação verifica os lucros, tira as despesas, e vê quanto fica. Dessa importancia dá-me, então, uma parte. São os direitos de autor.

— Direitos de autor chama-se, então, a parte que tem nos lucros o «pae» da peça... Não é? — accentuou a artista.

— Exactamente, — confirmou Viriato.

— E essa porcentagem, de quanto é?

— De vinte por cento, geralmente.

Quinze dias depois, estava o coronel Bonifacio na sua chacara do Caminho Grande, quando recebeu uma carta. Abriu-a. Era da filha, trazia dentro um cheque, e dizia assim:

«Papai. — Tenho sido feliz no Rio de Janeiro. Ganho seis contos por mez, e, ás vezes, mais. Em setembro ultimo ganhei oito. Remetto-lhe, por isso, 1.600\$000, parte que lhe toca. São os seus direitos de autor.

Assignava a carta a Eugeninha, que cumpria, assim, integralmente, a lei que se refere aos direitos autoraes.

José Fortunato

Definição

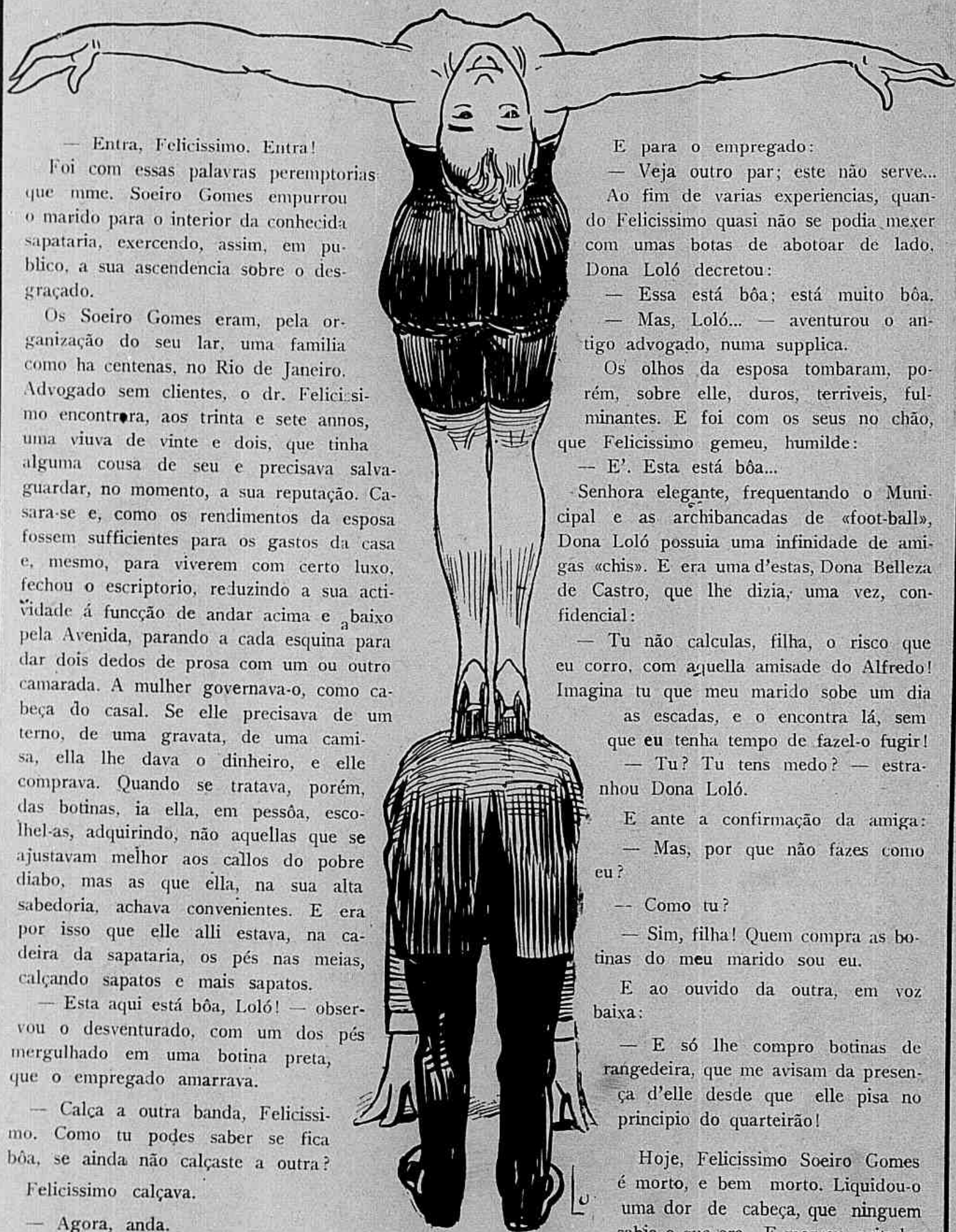
Trecho das «Enervadas», novella de Mme. Chrisanthème, pag. 95:

«Sumida na minha cadeirinha baixa, eu engulhava nervosamente a saliva e o amor me parecia um sordido e asqueroso sentimento, nojento como um prato de bacalhau pôdre servido á mesa de uma taverna immunda.»

E quem disse que não é?



OS SAPATOS



— Entra, Felicissimo. Entra!

Foi com essas palavras peremptorias que mme. Soeiro Gomes empurrou o marido para o interior da conhecida sapataria, exercendo, assim, em publico, a sua ascendencia sobre o desgraçado.

Os Soeiro Gomes eram, pela organização do seu lar, uma familia como ha centenas, no Rio de Janeiro. Advogado sem clientes, o dr. Felicissimo encontrara, aos trinta e sete annos, uma viuva de vinte e dois, que tinha alguma cousa de seu e precisava salvar, no momento, a sua reputação. Casara-se e, como os rendimentos da esposa fossem sufficientes para os gastos da casa e, mesmo, para viverem com certo luxo, fechou o escriptorio, reduzindo a sua actividade á função de andar acima e abaixo pela Avenida, parando a cada esquina para dar dois dedos de prosa com um ou outro camarada. A mulher governava-o, como cabeça do casal. Se elle precisava de um terno, de uma gravata, de uma camisa, ella lhe dava o dinheiro, e elle comprava. Quando se tratava, porém, das botinas, ia ella, em pessoa, escolhê-las, adquirindo, não aquellas que se ajustavam melhor aos callos do pobre diabo, mas as que ella, na sua alta sabedoria, achava convenientes. E era por isso que elle alli estava, na cadeira da sapataria, os pés nas meias, calçando sapatos e mais sapatos.

— Esta aqui está bôa, Loló! — observou o desventurado, com um dos pés mergulhado em uma botina preta, que o empregado amarrava.

— Calça a outra banda, Felicissimo. Como tu podes saber se fica bôa, se ainda não calçaste a outra?

Felicissimo calçava.

— Agora, anda.

O marido punha-se de pé, e, como quem pisa em ovos, punha-se a andar de um lado para outro, no estrado do compartimento.

— Está muito bôa, — tornava o desgraçado.

— Essa? Não, senhor; não está! — protestava a mulher.

E para o empregado:

— Veja outro par; este não serve...

Ao fim de varias experiencias, quando Felicissimo quasi não se podia mexer com umas botas de abotoar de lado, Dona Loló decretou:

— Essa está bôa; está muito bôa.

— Mas, Loló... — aventurou o antigo advogado, numa supplica.

Os olhos da esposa tombaram, porém, sobre elle, duros, terriveis, fulminantes. E foi com os seus no chão, que Felicissimo gemeu, humilde:

— E'. Esta está bôa...

Senhora elegante, frequentando o Municipal e as archibancadas de «foot-ball», Dona Loló possuia uma infinidade de amigas «chis». E era uma d'estas, Dona Belleza de Castro, que lhe dizia, uma vez, confidencial:

— Tu não calculas, filha, o risco que eu corro, com aquella amisade do Alfredo! Imagina tu que meu marido sobe um dia as escadas, e o encontra lá, sem que eu tenha tempo de fazel-o fugir!

— Tu? Tu tens medo? — estranhou Dona Loló.

E ante a confirmação da amiga:

— Mas, por que não fazes como eu?

— Como tu?

— Sim, filha! Quem compra as botinas do meu marido sou eu.

E ao ouvido da outra, em voz baixa:

— E só lhe compro botinas de rangedeira, que me avisam da presença d'elle desde que elle pisa no principio do quarteirão!

Hoje, Felicissimo Soeiro Gomes é morto, e bem morto. Liquidou-o uma dor de cabeça, que ninguem sabia o que era. E morreu, coitado, sem saber porque Dona Loló tinha tanto interesse em lhe escolher pessoalmente as botinas!...

Batu Allah

A VINGANÇA

Dona Rosita entrara em casa aborrecida, agitada, sacodida por um nervosismo intolerável.

— Gustavo já voltou? — perguntou, atirando para um lado o chapéu pequenino, de velludo azul, enfeitado de «aigrettes» brancas.

— Não, senhora, — informou a creada, predispondo as cousas para que madame mudasse de roupa.

— Elle sahio depois de mim?

— Logo depois.

A scena, por occasião do almoço, havia sido violenta. Impetuoso, Gustavo atirara á face da mulher um epitheto grosseiro, uma infamia, um insulto innominável. Duvidara, mesmo, da honestidade da companheira, attribuindo-lhe misérias que ella jamais praticara.

— E' infame o que dizes! — bradava a moça, erguendo-se da mesa, congestionada.

— Infame, não! — retrucara o monstro, batendo, forte, na toalha, fazendo tilintar os pratos. — Mas, tu has de ver. De hoje em diante serei o que outros são: um gozador, um bohemio, um perdulario!

E com outro murro:

— Tu has de vêr!

Rosto em fogo, olhos scintillantes de colera, Dona Rosita correu ao quarto, vestiu-se, tomou o chapéu, poz a capa, e sahio, batendo o portão. Na rua, parára, mordendo os labios, crispando as mãos nervosamente, sem saber, mesmo, para onde ia.

— Infame! — rugiu, de novo.

E tomando, de subito, uma deliberação terrivel, chamou um auto, que passava.

— Para Copacabana! — ordenou, atirando-se nas almofadas.

Vinte minutos depois enveredava a moça, sem se deter, pelo jardim, pela saleta, pelo gabinete verde em que o engenheiro Luiz Octavio lia, displicente, a secção mundana de um jornal.

— Você, aqui, Rosita? Você? — exclamou o rapaz, dando um pulo do divam. — Que foi isto? Que ha?

— Nada! — obtemperou a linda senhora, o rosto vermelho, os olhos em fogo. — O que ha, é que eu vim aqui para ser sua. Você não me fez tantas propostas nesse sentido? Não m'as fez, ainda hontem, quando foi jantar com meu marido? Pois, bem; aqui estou!

E enquanto falava, ia atirando para cima de um movel o «manteau», o costume azul-marinho, a cinta, a combinação, ao mesmo tempo que o rapaz, atarantado, fechava precipitadamente as janellas do gabinete.

Era d'essa visita infamante que Dona Rosita regressava, agora, ao anoitecer. Voltava mais nervosa, mais agitada do que fôra. A sua roupa, a sua pelle, a sua propria carne, infundiam-lhe nojo, repulsa, repugnancia. Tinha impetos de enfiar as unhas no corpo, e dilacerar-se. Parecia-lhe que, mergulhada no oceano, não lavaria, jamais, a baba do miseravel a quem se entregara.

Momentos depois da sua chegada a campainha do portão tilintou. Era o marido que entrava. E a presença d'elle, agora, enchia-lhe a alma de terror, de pavor, de um medo alarmado, como nunca sentira. Certo, elle reconheceria no seu olhor, no seu rosto, a nodoa daquella vergonha. Fôra brutal, a vingança. Gustavo não merecia castigo tão gran-

de. Era grosseiro, violento, impetuoso, mas era, com certeza, leal. Não faria mais aquillo. Não voltaria, nunca mais, á casa de Luiz Octavio. A tempestade de lama passara. Receberia o marido amavelmente, dizendo-lhe que estivera na casa do pae. O tempo, depois, faria seccar o punhado de lama, dispersando a poeira...

E pensava assim, arrependida, quando o marido entrou na alcova. Trazia a gravata amarrada, um laço feito ás pressas, e rescendia a champagne.

— Boa noite! — rugiu o mastodonte, entrando.

— Boa noite! — gemeu, tímida, a desgraçada.

E aproximando-se d'elle, amorosa:

— De onde vens? Onde fôste esquecer aquella zanguinha... Heim?

— Eu? — respondeu Gustavo, desviando os olhos.

E medindo as palavras, para sahirem alinhadas:

— Eu passei a tarde com o Luiz Octavio, em Copacabana. Fizemos «lunch», jogamos o «poker», tomamos uma champagnesinha; vim de lá agora...

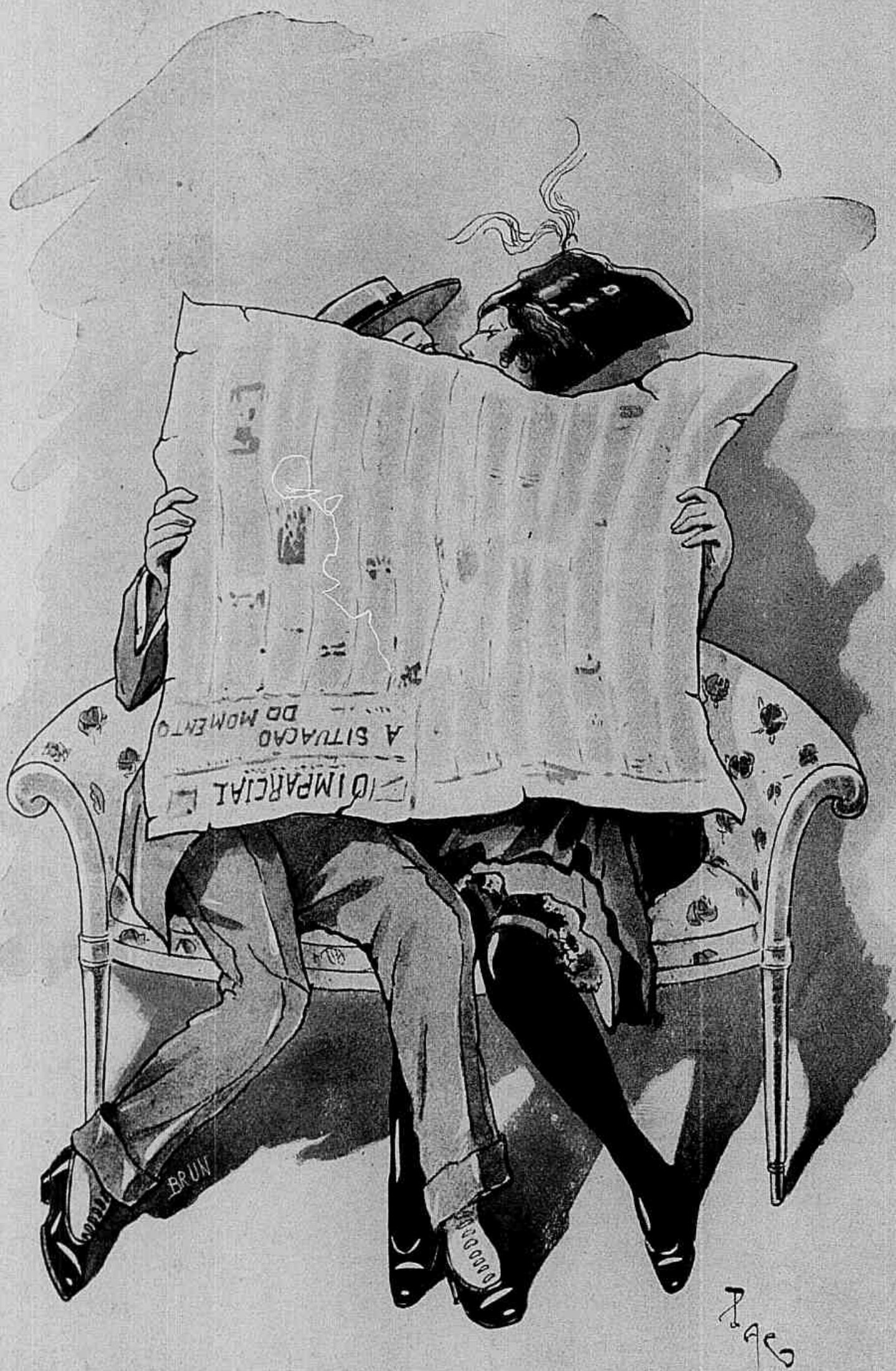
— Infame!... — rugiu a moça, entre dentes, com rancor.

Aquella mentira, tão grande como a sua, revoltou-a. E foi por isso que, em vez de perdoar, continuou, no dia seguinte, de olhos fechados, a rolar pelo abysmo...

lilalê



A LEI DE «IMPRENSA»



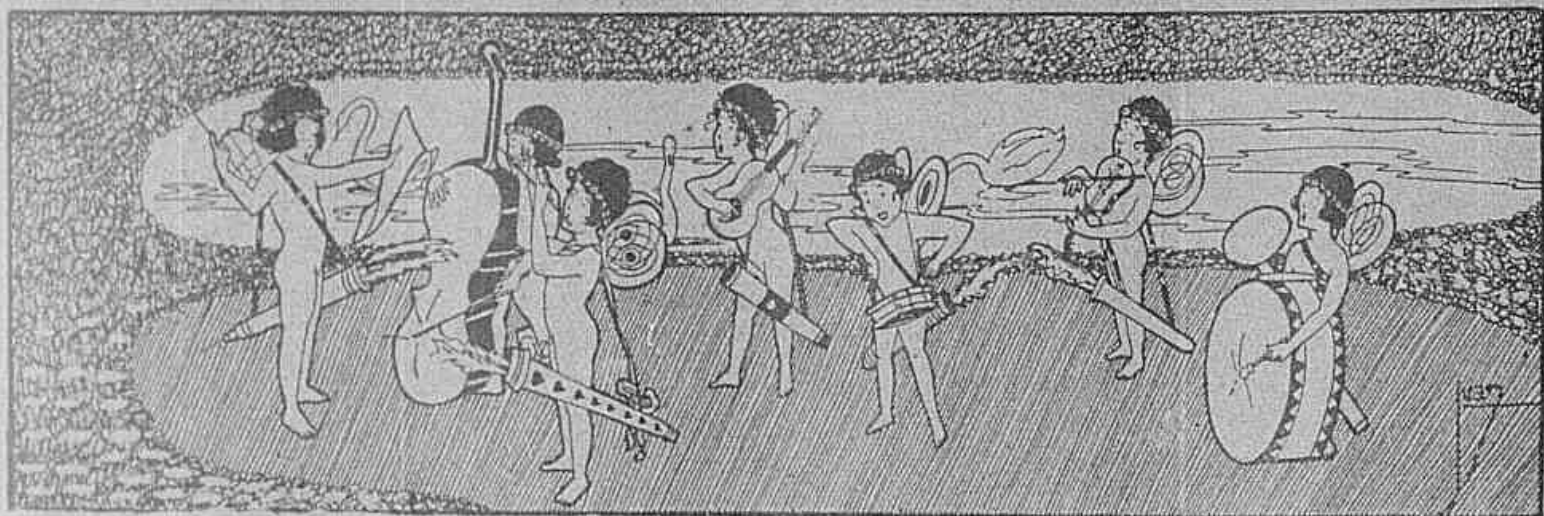
AS VANTAGENS DO JORNAL

PÉS... DE ANJO



POLICE (Do Botafogo)

(Leia a pagina seguinte)



ANTHOLOGIA GALANTE

TYPOS FEMININOS

(Página do romance «Euervadas».)

Eu possuía nessa época duas amigas íntimas e tão diversas de caracteres e de physico, que não pareciam pertencer ao mesmo sexo. Uma era essa Maria Helena de quem já falei no principio dessas memorias que comecei por desfazio e que agora já me interessam. Essa rapariga, muito sensível, vivia preza de affeições que ora a exaltavam, ora a mortificavam. As suas amiguinhas, ella as queria sempre a seu lado, occupadas della só, num exclusivismo feroz, numa ab-

so'ua dependencia de sua pessoa. Os seus beijos gulosos cravavam-se a todo instante nos labios da favorita do momento e o nome escolhido para o trato entre ambas era sempre o anonymo "meu amor". Nunca conheci na Maria Helena o menor namoro com rapazes e hoje, mais do que nunca, ella os detesta e os mal-diz. Quando eu lhe communiquei o meu proximo enlace com Julio, ella fez uma tal careta de repugnancia que quasi eu me zanguei. Nesse

tempo ella vivia muito agarrada a uma hespanholita, de largos olhos verdes e cabelleira negra, que, muito pobre, se sujeitava aos seus menores caprichos.

Soube depois que essa linda creatura fugira ao braço do copeiro da velha tia, com quem a minha amiga, orphã de pae e mãe, habitava.

A outra companheira desse periodo de minha minha vida e que, hoje casada e mãe de seis interessantes creanças, ainda me procura apesar do que dizem de mim, era a Margarida Villa

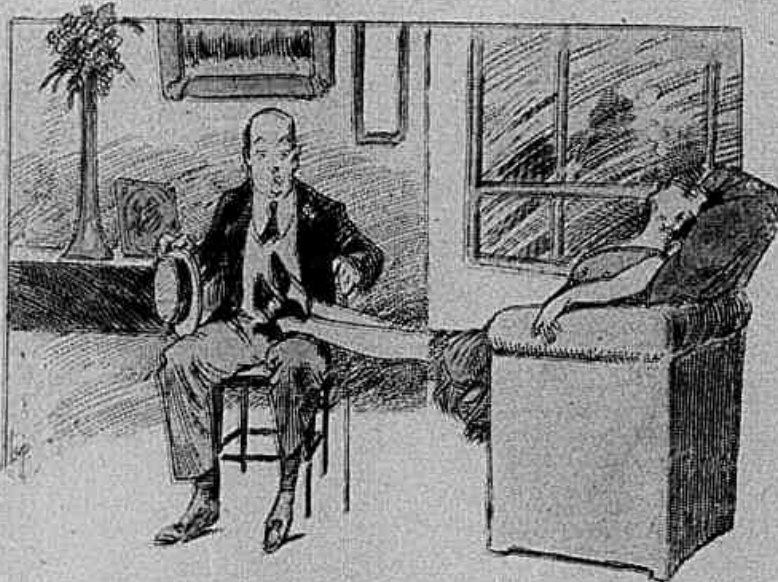
Lobos. Tinha sido minha camarada de collegio como tambem Maria Helena o fôra. Margarida, gorda, de grandes olhos pestanudos, continua a ser a excellente e equilibrada creatura que sempre conheci. Entre o meu ardente mysticismo religioso, as minhas alegrias sem motivo, as minhas melancholias sem razão, e os mutaveis e numerosos devaneios affectuosos de Maria Helena que a procurava para queixar-se da camarada recalcitrante aos seus enlevos ou enaltecer-lhe

a formosura e a graça, ella se manteve sempre na altura da seriedade e do juizo que o seu temperamento exigia.

Participando a esta, o meu proximo casamento, ella me abraçou e me beijou a face com uma grande emoção estampada nos seus olhos de bondade e de saude.

Hoje, ella se tornou a esposa de um distincto industrial e a sua existencia é toda devotada ao seu exercito de filhos que herdaram della o equilibrio e a bel-

OS PÉS PELAS MÃOS



— Eu vim aqui pedir a sua mão...
— Não quer começar pelos pés?

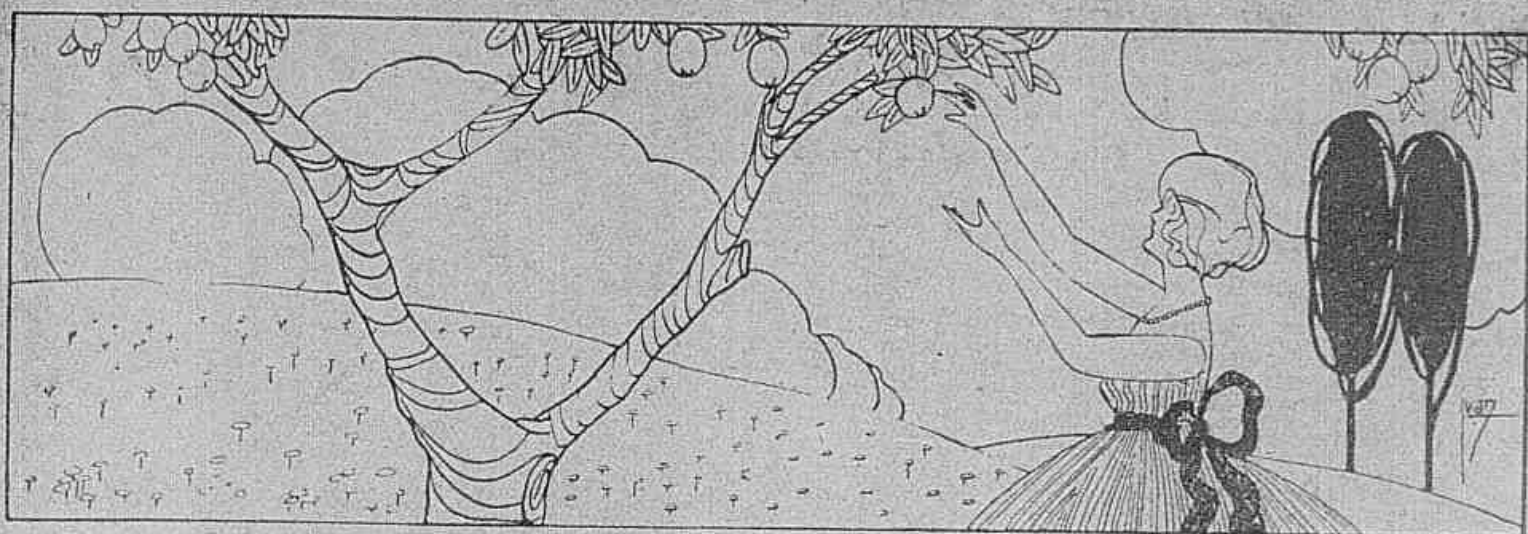
leza moral.

"Vive bem agarrada a teu marido, disse-me ella, e tem uma meia duzia de filhos.

A felicidade da mulher depende do lar, exclusivamente do lar, ouviste?"

Soffri um estremecimento. Uma meia duzia de filhos, que horror! E mirando o meu ventre perfeito, jurei-lhe que elle o seria sempre.

Chrysanthème



O RETRATO

O Armando Benevides havia conquistado a fama de primeiro photographo do Rio de Janeiro. No seu «atelier», á rua do Ouvidor, comparecia o que a cidade possui de chic, de distincto, de elegante. Não havia senhora feia que elle não modificasse, ao reproduzir-lhe a imagem. Julgado pelas suas vitrinas, pelos mostruarios escancarados á porta e pelas escadas, o Rio era a cidade mais rica, mais opulenta, mais abundante em bellezas femininas. Senhora de meia idade passada pela sua machina, era, logo, remocada. Retratadas por elle, as avós pareciam netas de si mesmas.

Além de artista emerito, Benevides possuia o renome de rapaz intelligente, absorvido pela sua profissão. Quando elle empunhava a kodak, a terra desaparecia aos seus olhos. E foi por isso mesmo que, na sala mortuaria, em que o marido se estirava de preto, entre quatro círios lacrimosos, e cercado de flores, a viúva Batalha Mendes se lembrou d'elle para apanhar um aspecto da solemnidade.

O salão estava, realmente, de uma gravidade sumptuosa. O altar, com o Christo de ouro; aquellas grinaldas enormes, de que pendiam grandes fitas rãs, com disticos de saudade; os galões da eça; o velludo das cortinas, em que uma cruz dourada estendia melancolicamente os braços compadecidos; e, sobretudo, a serenidade da phisionomia do morto, — faziam com que a viúva dezesasse, do intimo da alma, guardar uma recordação d'aquelle momento. E foi ella propria quem se lembrou de

Armando Benevides, mandando chamal-o, por telephone, para comparecer, com a machina, á residencia do finado.

Momentos depois, chegava o artista. Vinha de preto, phisionomia compungida, cara de pezames. Desembarcado do taxi, parou á porta da sala, e entrou, circumspecto. Levado á presença da viúva, esta explicou o seu desejo. Queria uma photographia do defunto, apanhada alli, entre os círios e as flores. Era um preito de saudade, prestado ao morto.

— Quer que apanhe apenas o defunto, ou as pessoas que se acham na sala? — indagou o artista.

— O defunto, só.

Austero, testa carregada, Benevides encaminhou-se para a sala. Retiradas as pessoas presentes, armou a machina, e tomou posição, defronte do cadaver. Mergulhado sob o pano preto, para fixar a objectiva, approximou-se, recuou, puxou para a esquerda, procurando o melhor ponto. De repente, levantou os olhos, e, estendendo a mão no rumo do morto, pediu-lhe:

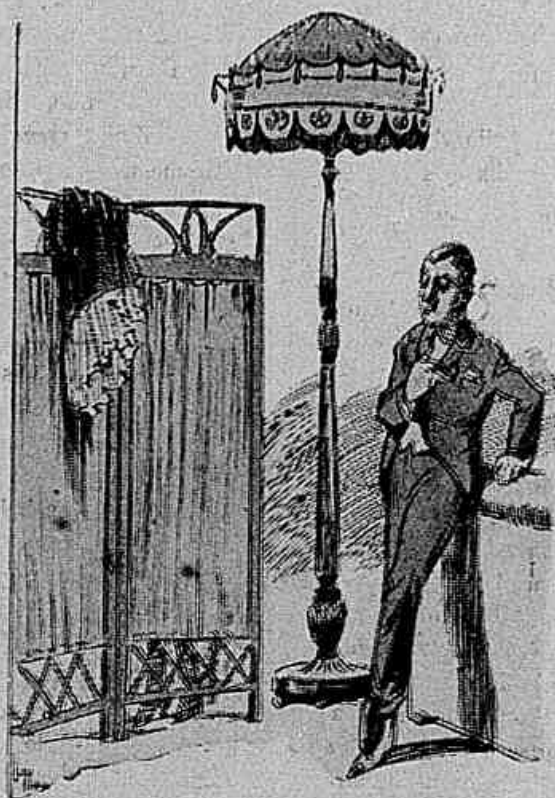
— Agora. Um... dois...

E pathetico:

— Não se mexa... Tres!

E apertou a borracha. O defunto, como elle havia pedido, não se tinha mexido.

Franqueza



— Quanto te dá por mez o teu coronel?

— Qual delles?

Kodak



PÉS ... DE ANJOS

POLICE

Faltassem outros motivos para Francisco Police ser considerado brasileiro, e bastaria, para que o naturalisássemos, a identidade do seu destino com o destino do Brasil: nem um dos dois resolveu, ainda, como escrever o proprio nome.

Atordoadas pelos philologos, a terra de Santa Cruz não sabe se Brasil é escripto com «s» ou com «z». Com o famoso jogador do Botafogo succede o mesmo, ou peor: uns escrevem «Police» e pronunciam «Police», com accento no «i»; outros substituem o «e» final por um «i» mudo, á italiana; outros, italianizam-lhe o nome de fio a pavio, escrevendo literalmente «Policcis», para pronunciar macarronicamente «Polixe».

Nascido na Italia, Francisco Police sustentou, por muito tempo, esta ultima graphia. Vindo para o Brasil ainda menino, fixou residencia em São Paulo, onde o seu nome de familia era pronunciado rigorosamente, como na sua terra natal. Depois, casou-se, e teve um filhinho, que começou a lhe modificar o nome, abasileirando-o. E Police perdeu o seu nome originario, por 2 x 1.

Ao desembarcar em terras da America não sonhara elle, jamais, com o «foot-ball». Certo dia, porém, ia o jovem italiano pela rua Libero Badaró, quando deu uma formidavel topada num paralellepipedo solto no seu caminho. Vermelho de dor e de raiva, teve impetos de dar-lhe um pontapé. Olhou, porém, a botina nova que calçava, e teve pena. Pensou, entretanto, mais dois minutos, e resolveu o caso: tirou a botina, e applicou, com o pé, um «shoot» tão grande na pedra, que rebentou tres dedos mas a atirou, com todo o seu peso de quinze kilos, a oito metros de distancia.

Soccorrido pela Assistencia, o medico da Ambulancia, que pertencia aos Corinthians, convidou-o, logo, para aquelle Club. Police accitou, treinou, substituiu as pedras pela bola, e, em breve, era considerado um dos mais valentes jogadores de São Paulo, que agasalha hoje, como se sabe, alguns dos mais valorosos «players» do Brasil.

Um dia, veio Police ao Rio comprar mercadorias para um estabelecimento de commercio, que pretendia fundar. Aqui chegando, enthusiasmo-se com os gramophones, e ficou. Semanas depois, mandou vir a familia, abriu uma casa de instrumentos de musica, e, certa manhã, appareceu á porta do «Ao piano moderno», á Avenida Mem de Sá. Trabalhador e honesto, prosperou. E era, já, um honesto e prospero commerciante quando surgiu vestindo a camisa alvi-negra num primeiro «team» do Botafogo.

A sua inclusão no quadro é devida, diz-se, ao dr. Basilio Vianna. Andava este conhecido «gentleman», certa vez, pela Mem de Sá, á procura de uma gravata azul, para usar com um collete verde, complemento natural de um chapéo amarello, de uma botina vermelha e de um terno rôxo, quando entrou no estabelecimento de Police. Fallou-lhe da sua fortuna, do seu palacete do Leme, dos rubis que o Papa lhe mandara por intermedio do Nuncio, e acabaram fazendo amizade. E de tal modo que, um mez mais tarde, estava Police shootando, com assombro de todos, ao lado dos mais valorosos jogadores do Rio, Grato e sincero, Police não esquece o enthusiasmo de Basilio. E é por

isso que sorri, quando este é apresentado a alguém, no Club:

— O Dr. Basilio, mãe do Police...

De uma resistencia assombrosa, o valoroso botafoguense é um adversario temivel. A característica principal do seu jogo é o folego com que o executa. Desconhecendo as vantagens da economia de tempo e de esforço, desbarata-os á vontade. Toda bola é para elle. E é com essa convicção que corre durante os minutos que se acha em campo, gastando energia, é certo, mas surpreendendo, ás vezes, a assistencia e o inimigo, com uma intervenção genial e imprevisita. Occasiões ha em que o extrema escapa na frente, sem que elle possa mais alcançal-o; Police não se importa: continúa a correr atraz, em carreira desenfreada, sem se incomodar, absolutamente, com o esforço perdido.

— E' espantoso! — observou, uma vez, um «foot-baller» americano, que aqui estava de passagem. — Aquelle jogador corre tanto no meio dos outros que, de vez em quando, a bola bate nelle!

A sua movimentação é, realmente, enorme, e comparavel, apenas, á grandeza do seu coração.

Excellent pae de familia, Police tem um filhinho que é o seu encanto. Certa vez, estava elle em campo, em uma pugna seria, quando, ao perseguir uma bola, ouviu choro de creança nas archibancadas. Coração alerta, comprehendeu que o choro era do seu pequeno, que havia deixado, com a ama, perto da grade, e não teve duvidas: na carreira em que ia, abandonou a bola, correu á grade, amimou o pirralho, beijou-o com gulodice paterna, só regressando a perseguir a bola depois que o pequenito se calou.

Elemento de primeira ordem pela resistencia dos seus musculos, participa, com alma, não só das luctas como, tambem, dos triumphos do seu Club. Victoria do Botafogo é victoria de Police, que a festeja com todo o vigor do seu enthusiasmo. Nessas occasiões, abre a bocca, e desata naquella sua famosa composição poetica do «Canivetinho de ouro», que principia assim:

Eu tenho um canivete de ouro
Com cabo de latão.
Oh, que dôr eu sinto
No coração!

O «Canivetinho de ouro» é o orgulho maximo do seu estro. Police canta-o a proposito de tudo: nas festas de victoria, nos baptizados, nos casamentos, nas passeiadas. Conta-se, mesmo, que, um dia, foi elle a uma solemnidade religiosa, missa de setimo dia pelo descanso de um parente. Ao fim do acto, enquanto os convidados resavam, em voz alta, a oração adequada, Police acompanhava o canto funebre murmurando, á meia voz:

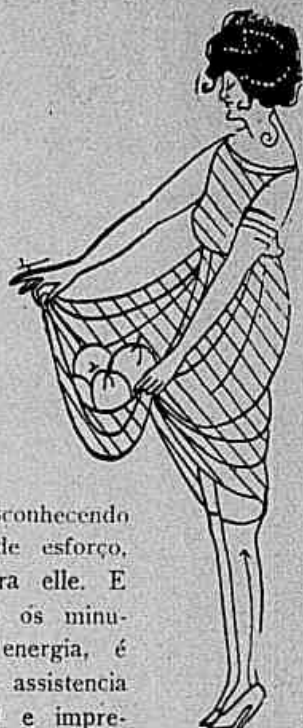
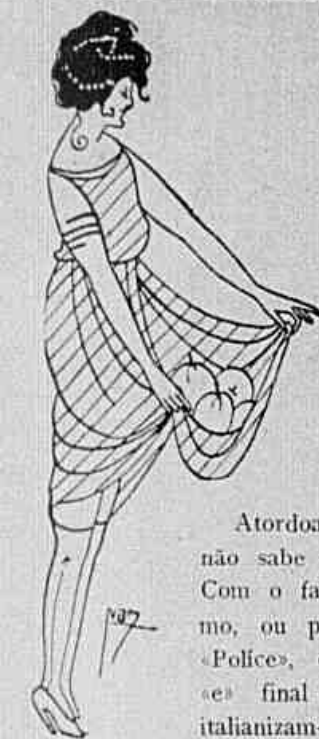
Eu tenho um canivete de ouro
Com cabo de latão...

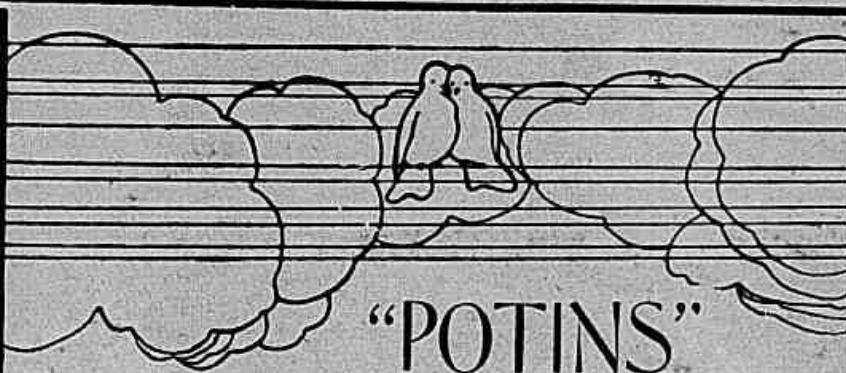
Acabada a cantiga, levantou-se, benzeu-se, retirando-se, em seguida, compungidissimo.

Aberrando da raça, tem uma voz que é a negação, exactamente, da harmonia. Isso não impede, entretanto, que lamente, de vez em quando:

— Qual! Eu nasci para tenor!

E para provar, põe os olhos no tecto, escarra, tosse, afina a garganta, e solta aos





"POTINS"



O Perú

Correctamente vestido, deixando ver, entre o peitilho da camisa gommada e a alvura impecavel do collarinho, uma formosa gravata berrante, o pittoresco homem de sociedade entrou, solemne, no Alvear. Chegou, sentou-se, puxou as calças para impedir as joelheiras, corrigiu os bigodes, e, emquanto o «garçon» não vinha ficou, esquecido, a namorar, pelo espelho, a sua soberba gravata de laço. E estava nessa posição, encantado de si mesmo, quando aquella maravilhosa senhora de olhos verdes, que elle tanto admira, observou:

— Coitado!...

E indicando-o á sua jovem companheira de mesa:

— A gravata é a crista d'aquelle Perú!...

O escapulario

O illustre pretor, além de excelente marido, é, mais ou menos, religioso. Tão religioso que, ultimamente, deu para andar com um escapulario ao pescoço. E era a historia d'esse «bentinho» que uma senhora, intima do jovem magistrado, contava, ha dias, na Lallet.

— Fulano — dizia ella, — é horivelmente fiscalizado pela mulher. Antes d'elle sahir de casa, ella lhe revista os bolsos, as meias, as botinas e, até, o forro do chapéo, afim de que não leve senão dinheiro para o bonde. Mesmo assim, elle conseguiu «cinzar» a pobresinha.

E confidencial:

— Elle mette, todos os dias, cinco mil reis, no saquinho do escapulario!

Nesse momento, o pretor metia a mão no peito da camisa, para pagar o chá...

A Camara... turca

Em uma pequena me-

sa florida de senhoras o deputado Heitor de Souza discutia, no Alvear, as conquistas do feminismo.

— Eu sou partidario — dizia — da emancipação da mulher. Quando se discutir essa questão no Congresso, as senhoras hão de ver a parte que eu tomo nos debates. Farei questão não só do voto feminino, mas, tambem, que as mulheres sejam votadas.

Tomou um gole de chá, e accentuou:

— Quem sabe, mesmo, se, na inauguração do novo edificio da Camara, já não teremos por lá muitas mulheres?

— E já começaram? — indagou uma senhora morena, de labios muito polpudos, muito vermelhos.

— Começaram, o que? — indagou o querido deputado.

E madame, perversa:

— O harém...

O que ellas não perdôam

Mademoiselle estava á espera do seu bonde do Largo dos Leões, á rua Sto. Antonio, quando o jovem advogado parou a alguns metros de distancia, cumprimentando. A mocinha voltou-lhe as costas com grosseria, espantando, com isso, a amiga que a acompanhava.

— Não falas com elle? — indagou esta.

— Eu? — rugiu a moça. — Tenho-lhe um odio...

E entre dentes, com raiva:

— Pois, não foi elle que me serviu de namorado quando eu quize fazer ciúme ao Luiz?

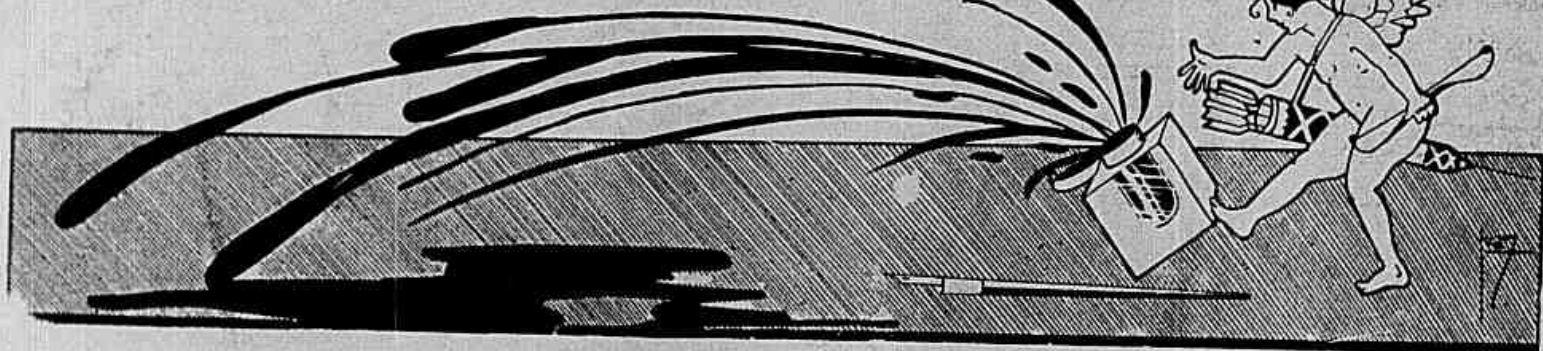
Effectivamente, as mulheres perdôam tudo: menos o individuo que lhes serve de cúmplice, quando ellas querem magoar o homem a quem amam...



PILULAS... PARA VELHOS

A ENTREVISTA

(Da "Casa de Pensão")



Ainda mettido entre os lençóis, na matinal preguiça das sete e meia, dispunha-se a philosophar sobre o ridiculo episodio da vespera, quando um leve rumor na porta do quarto lhe desviou o curso das idéas. Era a menina que trazia o café.

Vio-lhe a pallida mãozinha medrosamente surgir por entre a fissa da porta mal cerrada, para depôr no chão, como era de costume, a chavena de porcelana. Amancio, porém, d'esta vez saltou da cama e, correndo de gatinhas, a impolgou nas suas.

A mãozinha quiz fugir, elle não consentio, e com ella veio um braço que as folhas da porta arremangavam.

Começou a beijal-o sofregamente, desde a ponta dos dedos até o biceps; enquanto Amelia sempre escondida, ia consentindo, toda ella arripiada em cocegas.

— Um beijinho... pedio elle, mostrando o rosto.

— Logo!

— Com certeza?...

— Com certeza!

E a pequena desapareceu muito ligeira. — tic, tic, tic, pela escada.

Pouco depois combinaram a primeira entrevista.

Aluizio Azevedo

(Cont. de Bastos Tigre)

«Voz interior»:

«Quem sou eu? De onde venho e aonde acaso me leva
O Destino fatal que os meus passos conduz?

Ora sigo, a tactear, mergulhado na treva,
Ou tacteo, indeciso, offuscado de luz.

Grão, no campo da Vida, onde a morte se céva?
Semente que apodrece e não se reproduz?

De onde vim? da monéra? ou vim do beijo de Eva?
E aonde vou, a gemer, a sangrar, de pés nus?

Nessa esphinge da Vida a verdade se esconde;

O espirito concentro e consulto a razão

E uma voz interior, sincera, me responde:

— Quem és tu? Operario honesto da nação.

De onde é que vens? De casa. Onde é que estás? No
[bonde.

Para onde vaes? Não vês? Para a Repartição!

Destinado a estudar o curso das aguas, e a applicação das cascatas, ficara Tigre, pelas contingencias, limitado a manejar as pedras do ministerio. Foi a primeira decepção da sua vida. E foi por isso que, um dia, deliberou vingar-se.

— Não de ver, — disse. — Especializado no estudo das cataractas, não me deram, sequer, as do Moura Brasil. Pois, bem: não quero mais saber de agua, para nada!

E metteu-se a cumprir a promessa. Durante annos, não houve bohemio maior, no Rio de Janeiro. Trabalhava muito. Fazia paginas e paginas do «D. Quixote», que fundou e dirigia. Escrevia os «Pingos», do «Correio». Publicou os «Moinhos de Vento», as «Bolhas de Sabão», e, ultimamente, «Arlequim» e «A Fonte da Carioca», joias de humorismo, como espirito, e de arte, como verso.

No governo Wenceslau, sendo ministro da Agricultura o saudoso José Bezerra, inscreveu-se no concurso para bibliothecario do Museu. Fez exame de grego, de sanscrito, de egipcio. Em 1921 construiu uma casa que é um palacio.

— E' casa de pobre! — dizia elle.

E explicava:

— Sim; porque o rico, faz diversas casas. O pobre faz uma só, e, por isso, faz, logo, grande.

Entretanto, queixava-se:

— Agora, tenho casa; falta-me a mobilia. Para comprai-a, talvez seja preciso vender a casa. A minha vida é, mesmo, um lençol curto...

E tornava a esclarecer:

— Quando cubro a cabeça, descobre-me os pés; quando o puxo para os pés, descobre-me a cabeça!

Trocadilhista incomparavel, irmão de Kalixto e de Raul, Bastos Tigre é o encanto das rodas bohemias da cidade. Pasta debaixo do braço, chega á Brahma, ou á Americana, e pede:

— Agua!

Lembra-se, porém, das cataractas de Paraguassú, o emenda:

— Mistura!

Seis horas depois, toma o rumo de casa. Seu espirito é um campo de batalha, em que se batem o dever e a vingança. Uma noite, arrependido de ter dado ouvido a esta ultima, parou o automovel no meio do caminho, desceu, estirou-se no asphalto, e ordenou ao «chauffeur»:

— Anda; passa por cima!

— Eu, «seu» doutor? — estranhou o motorista.

— Passa por cima! — tornou o bohemio, a cabeça levantada, a barriga no chão.

E numa crise de arrependimento:

— Eu sou indigno de andar em cima de um automovel! O meu logar é embaixo, no chão, na poeira, debaixo da roda!

Hoje, D. Xiquete está um homem grave, serio, ponderado. As noites de bohemia passaram. Bello character, grande coração, espirito brilhantissimo, ninguém, como elle, comprehendeu a vida de maneira tão antagonica: ao lado do bohemio, do noctivago scintillante, o chefe de familia exemplarissimo, o funcionario modelar, o trabalhador infatigavel. Na sua vida de cidadão não ha um deslize, uma falha, um defeito. Poucos serão tão puros, e de alma tão nobre. E', ao mesmo tempo, abelha e vagalume: de dia, trabalha, e produz o mel; de noite, vagueia, e fulgura..

Rodin



POR TRAZ DOS PANNOS

Leopoldo Fróes



A Avenida Central estava ainda na sua infância, quando, entre a poeira levantada pelas picaretas do sr. conde de Frontin, appareceu, nella, o theatro «Pathé». Era um estabelecimento hybrido, mixto de cinema e de «guignol», que se propunha reter, de uma hora da tarde ás dez da noite, a população do novo Rio de Janeiro, desconfiada ainda do seu progresso. E foi ahí, nessa pequena casa de espectaculos elegantes, que nasceu, pode-se dizer, o nome de Leopoldo Fróes.

Anteriormente, havia elle estado em Portugal, onde trabalhara na opereta, fazendo em Lisboa o Octavio Flaubert, da «Eva», de Franz Lehar. O caminho pelo qual enveredava fóra, porém, errado; comico burlesco de assombrosos recursos, o seu logar só podia ser na alta ou na baixa comedia. E d'ahi o successo do seu apparecimento no Rio, o qual marcou, pode-se dizer, o inicio da sua verdadeira carreira artistica.

Tudo o predispunha, então, para o triumpho, para a notoriedade, para a conquista. Membro de uma familia tradicional na politica fluminense, bacharel em direito, e com um physico insinuante, o novo artista chamou, logo, pela coragem da sua vocação, a attenção do Brasil e, particularmente, da cidade. O Rio inteiro ia applaudir-o, á tarde e á noite, nos seus papeis saturados de «verve». E, em breve, era Leopoldo Fróes, merecidamente, o principe dos actores naiconaes.

Figura esbelta, physionomia atrevida, sympathico sem ser bonito, e espirituoso sem ser grosseiro, o novo artista brasileiro tornou-se, de prompto, o idolo das mulheres. Instalado no «Trianon», imperava discrecionariamente sobre a gente mundana, que lhe enchia a platéa, as frisas, os camarotes. No palco, estava como na sua casa. Fazia as pilherias que entendia, dentro e fora dos papeis. As espectadoras riam, até chorar. E enquanto ellas riam, ou choravam, Leopoldo Fróes procurava-as, uma a uma, com os olhos, escolhendo a mais chic, a mais linda, a mais formosa, para alvo dos seus olhares entre as glorias rumorosas d'aquella noite...

Desfructar a sympathia do querido galan durante uma representação do «Trianon», era honra disputada, então, pelas damas levianas da cidade. Era com o coração aos pullos, afflictas, mordendo nervosamente o cabo do leque, que

ellas esperavam o momento em que o sultão atirava o seu lenço. Fróes entrava em scena, de baixo de uma gargalhada geral. Havia, em todos, uma admiração preventiva. No meio do palco, passeiava os olhos pela platéa, pelos camarotes, pelas frisas. De repente, detinha-se. Um marido tossia. Um pae arrastava a cadeira. Tudo era, porém, debalde; Muley-Hamed havia marcado, já, o seu «flirt» d'aquella sessão...

A's vezes, a caça era mais forte do que o caçador. Terminado o espe-

ctaculo, o «Sympathico Jeremias» mudava precipitadamente de roupa, e ia postar-se á porta do theatro, á espera da preferida. Ella entrava num automovel; elle entrava noutro. Acompanhava-a, tomava nota da casa e, no dia seguinte, o telephone tilintava. Quando a escolha se dava na primeira sessão, a facilidade era a mesma: Fróes possuía um secretario, e

era das funções do secretario escoltar, de vez em quando, um landaulet até Botafogo e, mesmo, até Copacabana.

Entre as escolhidas havia, porém, algumas intransigentes. Ciumentas, ou simplesmente caprichosas, juravam disciplinal-o, submettel-o, reduzi-l-o á fidelidade, pelo menos relativa. Certo dia, uma encantadora senhora, rainha do momento, intimou-o a não beijar, em scena, uma artista da companhia.

— Mas, filha, — protestou Fróes, — o beijo é complemento do papel. Eu tenho de dal-o.

— Mas, eu não quero; acabou-se! — declarou a moça.

A' noite, estava a ilustre senhora em um dos camarotes do «Trianon», quando começou a scena do beijo. Desempenhando o seu papel, a artista avançou para o galan, procurando beijal-o. Fróes recuou, porém, dois passos, levou as duas mãos abertas á ponta do nariz, assobiando, zombeteiro:

— Fiáu!...

A artista encabulou, a platéa riu, e a dama, para quem Fróes olhára no momento, sorriu, lisonjeada.

A sua vida galante é repleta de incidentes d'esses. De uma presença de espirito admiravel, não se perturba, mesmo nas mais graves situações. As suas «tourneés» pelos Estados são ricas de documentos dessa encantadora serenidade. Certa vez, andava elle pelo norte em companhia de uma formosa artista, hoje fallecida, quando foi ter ao Maranhão, governado, então, por um politico de bom gosto, tambem desaparecido da scena dos vivos. Apaixonado pela actriz, o governador mandou chamal-a ao gabinete do director do theatro, onde a aguardava sosinho. Encarregado da missão, o chefe de Policia do Estado foi buscar a artista, dizendo-lhe que o governador a esperava para tomar uma taça de «champagne». Desconfiando do estratagema, Leopoldo Fróes sahiu atraz, e, assim que a actriz desapareceu por traz da porta do gabinete, e o chefe de Policia procurava trançal-a, empurrou-a.

— Que é que o senhor quer? — indagou a autoridade, contrariada.

E Fróes, afastando-o com o braço, e enveredando pelo gabinete, prompto para defender a presa:

— Eu tambem gosto de champagne!

E foi fazer guarda, lá dentro, á companhia em perigo.

A sua passagem pelos Estados é illustrada, sempre, de episodios pittorescos. O seu desem-



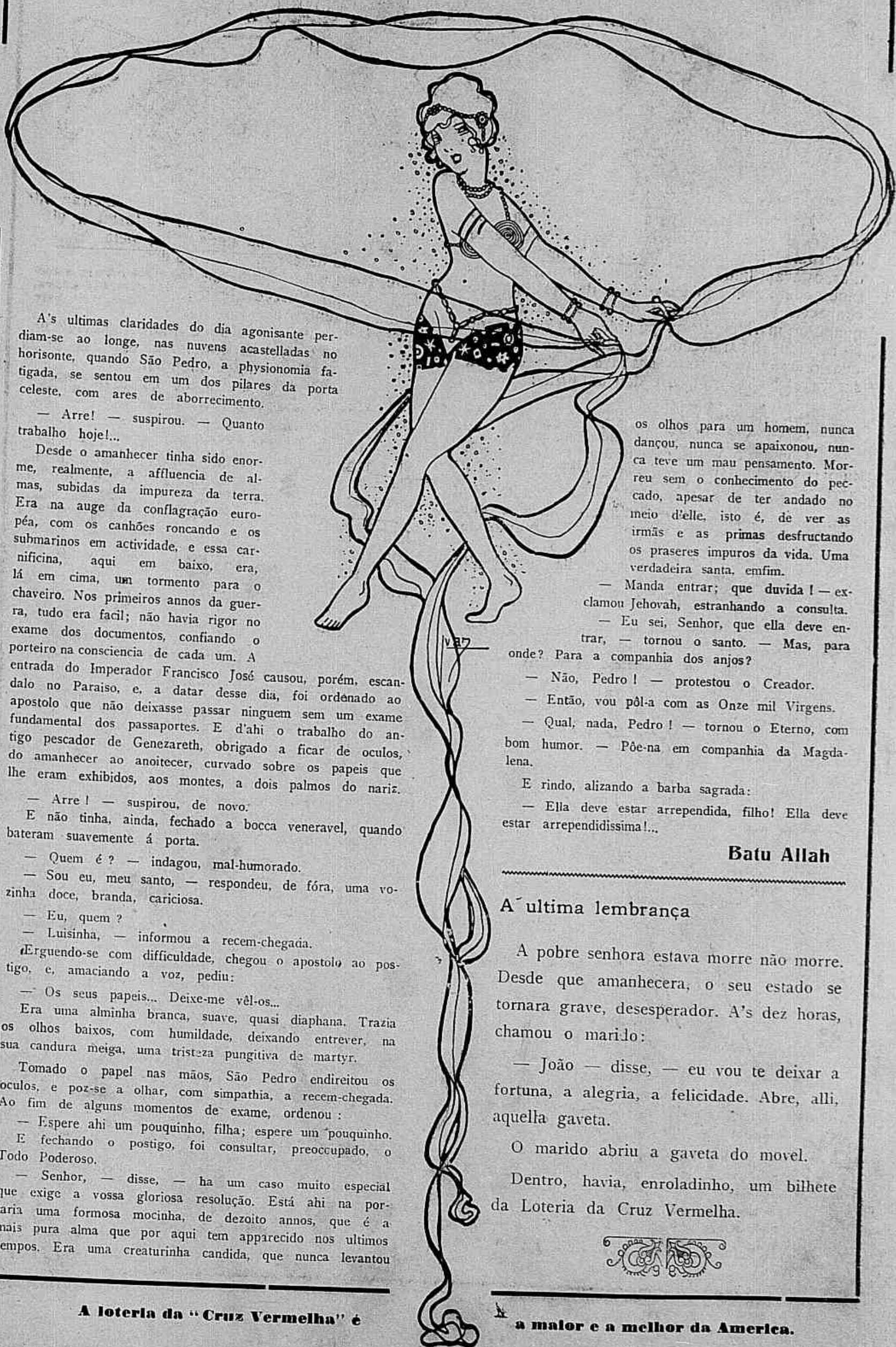
POR TRAZ DOS PANNOS



LEOPOLDO FRÓES

A ARREPENDIDA

(Imitação de Hespanhol)



A's ultimas claridades do dia agonisante perdiam-se ao longe, nas nuvens acastelladas no horizonte, quando São Pedro, a physionomia fatigada, se sentou em um dos pilares da porta celeste, com ares de aborrecimento.

— Arre! — suspirou. — Quanto trabalho hoje!

Desde o amanhecer tinha sido enorme, realmente, a affluencia de almas, subidas da impureza da terra. Era na auge da conflagração europeia, com os canhões roncando e os submarinos em actividade, e essa carnificina, aqui em baixo, era, lá em cima, um tormento para o chaveiro. Nos primeiros annos da guerra, tudo era facil; não havia rigor no exame dos documentos, confiando o porteiro na consciencia de cada um. A entrada do Imperador Francisco José causou, porém, escandalo no Paraíso, e, a datar desse dia, foi ordenado ao apostolo que não deixasse passar ninguem sem um exame fundamental dos passaportes. E d'ahi o trabalho do antigo pescador de Genezareth, obrigado a ficar de oculos, do amanhecer ao anoitecer, curvado sobre os papeis que lhe eram exhibidos, aos montes, a dois palmos do nariz.

— Arre! — suspirou, de novo.

E não tinha, ainda, fechado a bocca veneravel, quando bateram suavemente á porta.

— Quem é? — indagou, mal-humorado.

— Sou eu, meu santo, — respondeu, de fóra, uma vizinha doce, branda, cariciosa.

— Eu, quem?

— Luisinha, — informou a recém-chegada.

Erguendo-se com difficuldade, chegou o apostolo ao postigo, e, amaciando a voz, pediu:

— Os seus papeis... Deixe-me vê-los...

Era uma alminha branca, suave, quasi diaphana. Trazia os olhos baixos, com humildade, deixando entrever, na sua candura meiga, uma tristeza pungitiva de martyr.

Tomado o papel nas mãos, São Pedro endireitou os oculos, e poz-se a olhar, com sympathia, a recém-chegada. Ao fim de alguns momentos de exame, ordenou:

— Espere ahi um pouquinho, filha; espere um pouquinho. E fechando o postigo, foi consultar, preocupado, o Todo Poderoso.

— Senhor, — disse, — ha um caso muito especial que exige a vossa gloriosa resolução. Está ahi na portaria uma formosa mocinha, de dezoito annos, que é a mais pura alma que por aqui tem apparecido nos ultimos tempos. Era uma creaturinha candida, que nunca levantou

os olhos para um homem, nunca dançou, nunca se apaixonou, nunca teve um mau pensamento. Morreu sem o conhecimento do peccado, apesar de ter andado no meio d'elle, isto é, de ver as irmãs e as primas desfructando os praseres impuros da vida. Uma verdadeira santa, enfim.

— Manda entrar; que duvida! — exclamou Jehovah, estranhando a consulta.

— Eu sei, Senhor, que ella deve entrar, — tornou o santo. — Mas, para onde? Para a companhia dos anjos?

— Não, Pedro! — protestou o Creador.

— Então, vou pô-la com as Onze mil Virgens.

— Qual, nada, Pedro! — tornou o Eterno, com bom humor. — Põe-na em companhia da Magdalena.

E rindo, alizando a barba sagrada:

— Ella deve estar arrependida, filho! Ella deve estar arrependidissima!...

Batu Allah

A ultima lembrança

A pobre senhora estava morre não morre. Desde que amanhecera, o seu estado se tornara grave, desesperador. A's dez horas, chamou o marido:

— João — disse, — eu vou te deixar a fortuna, a alegria, a felicidade. Abre, alli, aquella gaveta.

O marido abriu a gaveta do movel.

Dentro, havia, enroladinho, um bilhete da Loteria da Cruz Vermelha.



IDENTIFICAÇÃO



O dr. Estellita Lins havia tido no consultorio um dia atropalhissimo. A passagem de uma companhia franceza pelo Rio de Janeiro havia augmentado de tal maneira a sua clientella, que o illustre especialista não tinha mãos a medir.

Correetissimo no seu jaquetão escuro, descia o conhecido medico a Avenida, alisando a barba negra e irreprehensivel, quando, quasi em frente ao «Primeiro Barateiro», foi de encontro a uma senhora, que vinha em sentido contrario.

Ao choque, a dama perdeu o equilibrio, indo estirar-se, de costas, no calçamento, sem que o dr. Estellita Lins tivesse tido tempo de segural-a. E a queda foi horriavel. Vestida ligeiramente, sem certas peças de vestuario que uma dama não pôde dispensar ao sair de casa, a pobre senhora ficou to-

talmente descoberta. Afflieto, o dr. Estellita correu a socorrer-a, suspendendo-a nos braços. A desventurada estava, porém, furiosa demais para desculpal-o e, ainda mais, para agradecer-lhe e auxiliá-lo.

— Desafôro! — gritou a dama, ao ver-se de pé.

E para o medico, indignada:

— O senhor não é um homem!

A essas palavras, o dr. Estellita corou, até às unhas. E foi com um estremecimento nas suas bellas barbas à Landru, que protestou:

— Eu, posso não ser; mas pelo que eu vi... a senhora também não é!

E afastou-se, digno.

Dr. Charcot



baraço, que encanta os cariocas, irrita, às vezes, a provincia. De uma feita, no Maranhão ainda, levava o «Burro do Sr. Alcaide», quando, á sua entrada em scena, um espectador espirrou.

— Cala a bocca, burro! — gritou Fróes, do palco.

Considerando-se insultada, a platéa desabou numa vaia. Calmo, sorridente, o artista recebeu-a, de pé. E quando a tempestade amainou, explicou, apenas:

— Mas, senhores, isto é... da peça!

As palmas estrugiram.

De outra vez, succedeu exactamente o contrario. Prevenido com o artista, a metade da platéa começou em assuada, assim que elle pisou no palco. A outra metade applaudia, dando palmas. Sereno, impassivel, com aquella displicencia que lhe é característica nesses momentos, Leopoldo Fróes deixou passar a tormenta e, em determinado instante, gritou:

— Viva o povo intelligente do Maranhão!...

Foi uma desgraça. A vaia, que era parcial, estalou de ponta a ponta, fazendo estremecer o theatro.

Na Bahia, em Santos, no Pará, esses episodios eram frequentes. Leopoldo Fróes achava graça, e, de regresso ao Rio, esquecia tudo. E uma vez aqui, reencetava a sua vida bohemnia, rindo e fazendo rir, amando e sendo amado, e, o que é mais, ganhando dinheiro, a ponto de amontoar, nos Bancos, algumas centenas de contos.

Porque, além de artista, Leopoldo Fróes é um espirito financeiro, como poucos. A sua perspicacia, nesse terreno, equivale o seu talento de actor. E de tal modo, que é a paixão do dinheiro, honestamente ganho, a unica, talvez, que faz, no seu coração, uma certa concorrência ás mulheres. A proposito da sua vocação para millionario, são contados, nas rodas de theatro, casos admiraveis.

Ha dois annos, separada a sociedade que tinha no «Trianon», entrou Leopoldo Fróes em accordo com o empresario José Loureiro para fundação de uma companhia de operetas e comedias, que trabalharia no «Phenix». Fróes reclamava uma condição: as peças seriam brasileiras,

compromettendo-se o empresario a pagar cem mil reis, de cada representação, aos autores. Tornava-se indispensavel proteger os escriptores theatraes, e elle, como director da companhia, não admittia, jamais, qualquer exploração d'essa pobre classe, já tão explorada.

A noticia dessa attitude de um artista e empresario reboou, aqui fora, como um grito de guerra. Afinal, apparecia uma empresa honesta, e um artista generoso, disposto a proteger os autores. José Loureiro concordou, e começaram a apparecer os originaes. Não houve escriptor theatral que não mandasse a sua peça. Veio, porém, a estréa da companhia: fôra montada, em primeiro lugar, «A pequena do Alvear», do autor brasileiro dr. Leopoldo Fróes. Retirada do cartaz, após uma centena de representações, subiu outra: a «Mimosa», comedia do dr. Leopoldo Fróes, transformada, depois, em opereta, e que continuou em scena até a dissolução da companhia!

Enriquecido honestamente, o querido artista sabe o que vale o dinheiro e, portanto, guarda avaramente, apertado na mão, tudo que possui. Certa vez, foi a sua «garçonnière» da rua Alvaro Chaves visitada por uma senhora lindissima, que se apaixonara, como dezenas de outras, pelo artista. A' sahida, a moça desejou levar como lembrança uma estatueta de bronze, que havia no gabinete. Fróes coçou a cabeça, mas entregou. No dia seguinte, porém, os prélos gemiam, informando que o dr. Leopoldo Fróes se havia queixado á Policia, á qual communicara o desaparecimento da sua estatueta de bronze!

Primeiro comico brasileiro, e o mais intelligente dos nossos homens de theatro, Leopoldo Fróes triumphou pelo espirito, pelo trabalho, pelo talento. D'elle, dizem, sempre, os jornaes:

— E' um artista de grandes, de sólidos, de assombrosos recursos.

E é mesmo. Tem mais de trezentos contos!

Jão Kaetano



THEATRO BOCCACIO

DOIS CASOS

COMEDIA EM 4 ACTOS, DE JAN RICHORA

Personagens —
Aleixo — 41 annos.
Ernesto — 45 annos.
2 caixeiros.

ACTO 1.º

Em frente ao Club de Engenharia na Avenida.

Scena Unica

(Ernesto está parado quando Aleixo chega)

ALEIXO — Estás ahí, ha muito?

ERNESTO — Ha dez minutos... mais ou menos...

ALEIXO — Esperas alguém?

ERNESTO — Uma creatura... Ficamos de ir ao cinema... ao Rialto... (olhando o relógio) Quasi cinco... Não póde tardar...

ALEIXO — Tambem estou fazendo hora... Devo encontral-a em frente ao Alvear... A's cinco... Que coincidência... Ah! seu Ernesto... nem podes fazer uma idéa... Que mulher!...

ERNESTO — Não venhas com fósquinhas... que a mim não mettes inveja... Eu espero a mulher mais chic que tem pisado estas calçadas da Avenida...

ALEIXO — Ora... ora... conheces a Fulvia?

ERNESTO — Que Fulvia?... A mulher daquelle callista... que me mostraste outro dia?...

ALEIXO — Qual callista... qual nada!... A Fulvia é aquella mulher que estava no Bazin no ultimo sabbado, com um chapéo verde... que chamava a attenção...

ERNESTO — Ah!... Sei... sei... Já fallaste com ella?

ALEIXO — Se fallei com ella?...! E' bôa!... Fomos apresentados no concerto do Bukinoff... Conversamos muito... Disse-lhe uns versos... jurando que tinham sido inspirados por ella... Sabes... aquellees versos que eu fiz para a Santanninha...

ERNESTO — E's um bichão...

ALEIXO — Hoje ella virá ao Alvear, ás cinco... e dahi sahiremos...

ERNESTO — Para o cinema?...

ALEIXO — Para o Leblon... (endireitando-se) Estou bem?... Esta roupa?... Dize lá... francamente... estou correcto?...

ERNESTO — (corrigindo-lhe o laço da gravata). Sempre mal dado... este laço... E este alfinete torto... Tu não tomas geito...

ALEIXO — (tirando o chapéo) E o cabelo?...

ERNESTO — Assim... assim... Podias ir ao barbeiro... disfarçar a calva...

ALEIXO — Não tenho mais tempo... Hoje é sabbado...

ERNESTO — Então... é o dia!... Ella já sabe?...

ALEIXO — Deve saber... Tu não imaginas... E' uma mulher intelligentissima... Depois... certas cousas... Não é preciso a gente fallar... Se tu visses como as palpebras da Fulvia se assemelham a duas borboletas do amor...

ERNESTO — Prefiro as mulheres de olhar de fogo... Hoje... por exemplo o meu «caso» é um delles...

ALEIXO — Pois a Fulvia é um prodigio... uma mulher estupenda... (pegando na mão de Ernesto) Vê como estou com as mãos frias... Faz-me lembrar a primeira vez que entrei num automovel fechado com a Berthy... Qual... seu compadre... o meu «caso» é um sonho...

ERNESTO — Pois eu hoje estou realisando esta cousa admiravel... Vou encontrar-me com uma creatura que é noiva ha seis annos... e que me adora...

ALEIXO — Noiva... tua?...

ERNESTO — Minha?... Estás doído... Noiva de um camarada... que ha dez annos procura emprego e vive á custa do pae... A coitadinha parece que cansou de esperar pelo emprego e pelo entusiasmo do noivo... E' deliciosa... Não imaginas... Deliciosa... Fausse maigre, nariz romano... olheiras mysteriosas... cabellos bronzeados... um olhar que nos envolve numa nuvem dee volupia...

ALEIXO — Ora... ora... se conhecesses a Fulvia...

ERNESTO — Isso tambem é questão de gosto... Por mim não troco a Zizi por nenhuma outra... Princialmente hoje... que vou encontral-a... pela primeira vez... a sós...

ALEIXO — A sós?!...

ERNESTO — Ella vae ao cinema com uma tia que é surda como uma pedra... e não vê do lado direito... Ficaremos numa posição estrategica... Para essas cousas ha de servir a minha caderneta de reservista do amor...

ALEIXO — Pois eu... meu caro... não quero saber de aventuras piégas de cinema... nem de tia caólha... Vou logo ao fim... E' ali... em pleno dia... Zarpo de automovel...

ERNESTO — (olhando o relógio) Cinco horas... Com licença... Vaes para lá... e eu vou para cá... Bonne chance!... que os deuses lares do Alvear te sejam propicios...

ALEIXO — Felicidade!... Que as sombras do Rialto protejam a tua aventura no jardim secreto da Zizi...

ACTO 2.º

Scena Unica

Ernesto e o caixeiro

ERNESTO — (batendo com a unha polida e ponteguda, num vidro Caixeiro... olha aqui... Dez tostões de





Galho DE URTIGA

A Fé é que salva

Madame tem em casa uma creadinha portugueza, chamada Maria da Fé, a qual lhe serve de arrumadeira, de confidente e de cúmplice. Ha dias, estava a linda senhora ao telephone, conversando com aquelle jovem official de Marinha que conhecera por intermedio de uma das amigas, quando o marido entrou, pé ante pé. Conhecendo a gravidade da situação a creadinha penetrou no quarto em que o patrão acabava de entrar para surprehender a esposa, e deu um grito:

— Ui!

E logo:

— Ah! é o patrão que está aqui!

Contando o episodio, e a esperteza da portuguezinha, madame confessava á amiga que lhe apresentara o official:

— Agora, menina, é que eu estou, mesmo, crente de uma verdade!

E com aquella sua risadinha de vidro, tilintante.

— A Fé é que salva!...

(Continuação de Pollice)

quatro ventos, desafinadamente, a famosa aria do «canivetinho»...

Jogador, é formidável. Em um jogo, em 1917, com o Fluminense, entendeu de escorar uma bola, num «shoot» de Chico Netto, a poucas jardas de distancia. Rebatida pela cabeça de Pollice, a

esphera voltou, apanhou um adversario pelo peito, e derrubou-o. Ao levantar os olhos, não vendo a bola, Pollice indagou, como se nada tivesse acontecido:

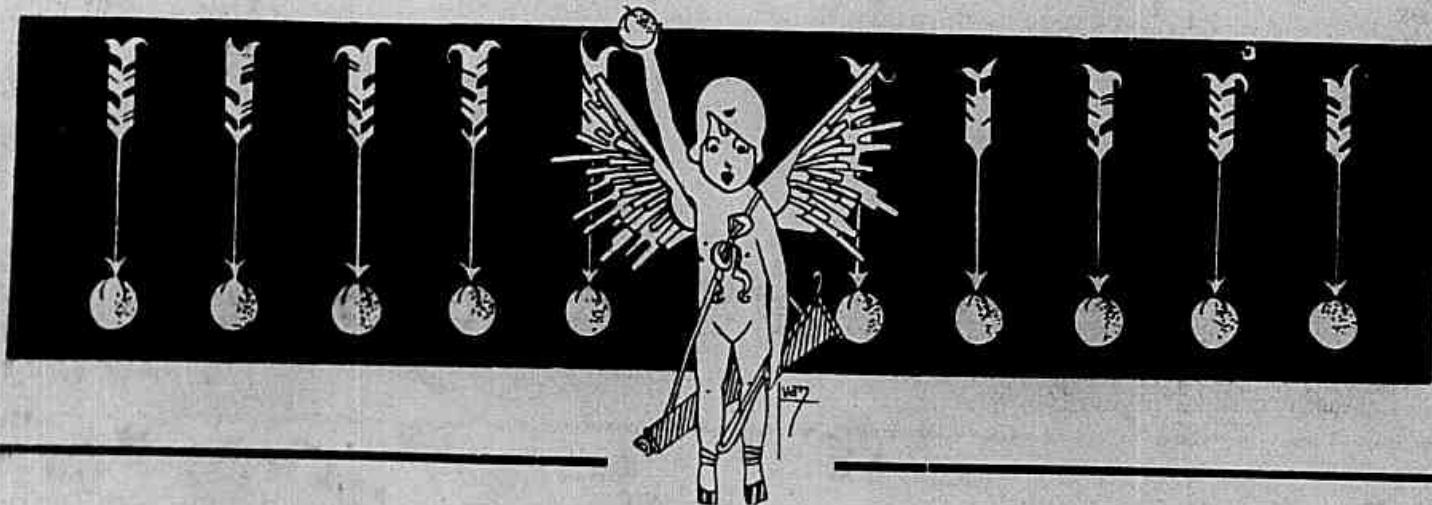
— Cadé ella?

Corajoso e decidido, não regeita perigo nenhum.

— E' o nosso jogador de ferro! — dizem os que lhe conhecem a resistencia physica.

E não é assim, apenas. Para o Botafogo, e para as suas victorias, Pollice é mais do que isso: é um jogador de ouro!

Pé... lopidas



As duas quedas

Alta, soberba, com o rosto claro ligeiramente coberto pela «voiette» negra, a formosa viuva loura ia, com a sua linda filha, pela Avenida, quando, ao descer o passeio na confluencia da rua Sete, tropeçou, ficando de joelhos no asphalto. Como sempre succede, houve risota, exclamações abafadas, tentativas de ridiculo doloroso. E foi nesse instante que, vendo a attitude inconveniente de um rapazola, aquelle sympathico official da missão franceza exclamou, indignado:

— Ah! n'insultez jamais une femme qui tombe!

A viuva cahiu outra vez.

Pudor masculino

Mordendo a sua torradinha dourada, aquella viuvinha loura, de bracinhos finos e sempre á mostra, contava á companheira de mesa o que lhe succedera no bonde.

— Nós vinhamos lado a lado — disse; — de repente, com as sacudidellas do carro, os nossos joelhos se tocaram. Adiante, outra sacudidella, outro encontrão.

— Ficaste vermelhinha de vergonha, com certeza...

— observou a amiga.

— Eu, não! — protestou a viuvinha.

E confessando a verdade:

— Quem ficou vermelho... foi elle!

Literatura

O glorioso homem de letras, conhecido entre seus pares pela extensão exhaustiva dos seus poemas e trabalhos em prosa, procurou, ha dias, o sr. conde de Laet na sua residencia de Haddock Lobo, afim de ler ao presidente da Academia o prefacio de um livro em vespera de publicação. Sós, os dois, na sala, o visitante arrancou do bolso umas duzentas folhas dactylographadas. O dono da casa olhou o maço por cima do pince-nez, e pediu:

— Dá licença? E' um instante.

Foi ao gabinete proximo, e, ao voltar:

— Póde ler. Eu puz o despertador para me accordar d'aqui a duas horas.

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte é preciso ter usado o

“SEXUOL”

Remedio providencial, de efeitos assombrosos, incomparavel nos casos de Esterilidade -- Debilidade sexual -- Esgotamento nervoso -- Fraqueza senil -- Cachexia organica -- Inappetencia genesica -- Neurasthenia -- Pouca virilidade, produzida por excessos. Preparação opothérpica, feita segundo o methodo do Brown Sequard. ————— Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Internacional* — Rua Quintino Bocayuva, 18.

OLHOS

Inflamações e purgações
USE O
“COLLYRIO MOURA BRAZIL”

PARA O BANHO O SABÃO
THYMO BORICO
CONTRA: BROTOEJAS-ASSADURAS-PRURIDOS

A queixa da Avó

(Episodio sertanejo)



O delegado de Policia da villa do Areal estava no seu posto descascando uma laranja com o sabre do commandante do destacamento, quando appareceu á porta da sala em que dava audiencias a velha Joaquina Fonseca, trazendo pela mão a neta, a encantadora sertanejinha Maria Luiza, filha unica da Leoncia, que morrera solteira.

— Entre! — berrou, de dentro, a autoridade, levando á bocca a laranja, e chupando-a gulosamente, sem afastar, sequer, os fios da bigodeira revolta.

A velha entrou, timorata, puxando a menina, que trazia os olhos no chão.

— Que é que quer? — indagou o delegado, tirando a laranja da bocca para sacudir longe os caroços.

A velha começou, entre rodeios, a narrativa. A Maria Luiza tinha ido buscar um pote d'agua á fonte das Bicas, quando o Jorge, filho do delegado, lhe sahiu pela frente, puxando-a para dentro do matto, e dando-lhe uma porção de beijos pelo rosto, pela cabe-

Jújuba... vamos com isso...

CAIXEIRO — (mostrando outro vidro)
Destas?

ERNESTO — Aqui... onde estou mostrando... Quero jújuba com violeta... Não me faça perder o bonde... Olhe que o meu é «Ipanema» de cinco e dez... Vamos com isso.

ACTO 3.º

No Paschoal — rua do Ouvidor.

8 minutos depois do 1.º acto

SCENA UNICA

Aleixo e caixeiro

ALEIXO — (apontando para uma vitrine) Olha rapaz... Embrulha um pão de Petropolis...

CAIXEIRO — Dos pequenos ou dos grandes?

ALEIXO — Embrulha logo um dos grandes... E' melhor... que o pequeno não chega para todos... Mas vamos depressa com isso... que eu não posso perder o meu bonde da Fabrica... de cinco e dez...

ACTO IV

Junto á Brahma — dia seguinte

ça, pelo collo.

— Só? — inqueriu a autoridade.

— Só, sim, senhor, — gemeu a rapariga.

— Bom, vá descansada, — tornou o delegado; — eu vou providenciar.

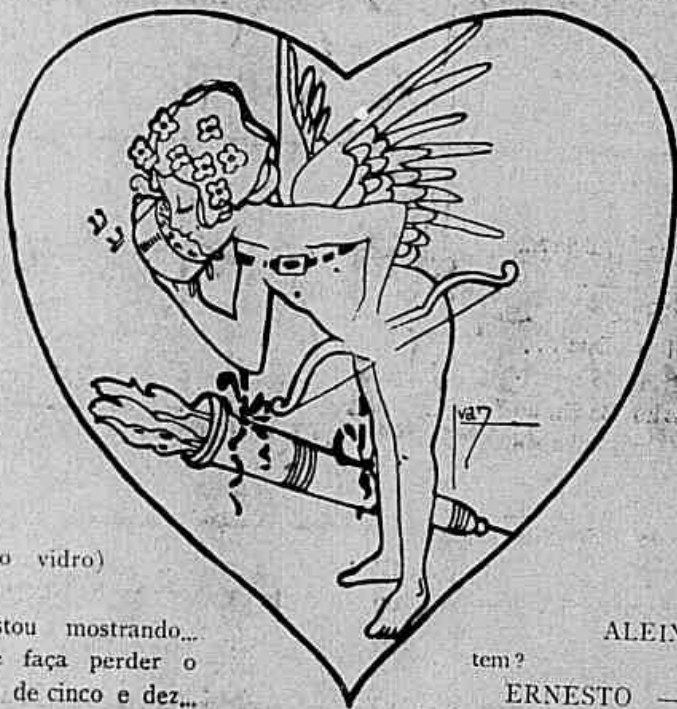
E a tirando fóra o bagaço da laranja:

— Da outra vez elle fará o serviço melhor; já ouviu?

E empurrando a pequena, brandamente, até á porta:

— Vá descansada!

Braz Lopes



SCENA UNICA

Aleixo e Ernesto

ALEIXO — Então?... Como foste de hon-

tem?

ERNESTO — Um sonho... Nem imaginas... Fiz apenas esta cousa admiravel... A velhota ferrou no somno... e eu... (falla ao ouvido de Aleixo)...

ALEIXO — E's uma fera... Uma fera... «seu» Ernesto...

ERNESTO — Commigo é assim...

ALEIXO — Pois eu... sahi dali... cheguei ao Alvear... a Fulvia já estava lá... impaciente... á minha espera... nem tomamos chá... Qual!... A gente quando ama... faz cada cousa... Imagina que tomamos um automovel bem em frente ao Pathé... e largamos para Ipanema... Estás vendo que loucura?!...

ALEIXO — Tu és mesmo um doidinho quando te apaixonas...

ALEIXO — Olha... quem está fallando... Tu... então?!...

ERNESTO — Ehl... Eu tambem não posso fallar... Somos dois doidinhos, quando temos um caso novo...

Panno.



Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiencia custa apenas: LIQUIDO: 2\$500
PASTA: 2\$000

A' venda em toda parte — Deposito geral: Casa Hermann — Rio.

EDIÇÕES DA GRANDE LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Nossa casa, notavel pelo seu enorme e variado sortimento de livros de sciencia, pedagogia, litteratura, etc., tanto nacionaes como estrangeiros, apresenta, nesta relação, alguns dos trabalhos de que, no ramo litterario, é editora, affirmado o valor dessas produções pelo alto merito dos seus autores, dispensados estes, pela sua fulgurante notoriedade, de menção bordada de elogios:

Microscopo, Elogio das flores e dos insectos, de Hermes Fontes, br. 3.000, enc.	4.000	Preceitos e Conceitos, do Prof. Dr. A. Austregésilo, da Academia, br. 5.000, enc.	6.500
Moinhos de vento, (2a edição), humorismos de Bastos Tigre, br. 4.000 enc.	5.000	Pastoraes, de D. Silverio Gomes Pimenta (da Academia), br. 4.000, enc.	5.000
Noticia da Grande Guerra, (1914-1918, Front Belga), pelo Major Dr. Corrêa do Lago, ex-addido militar á Legação do Brasil, junto ao Governo Belga, obra ornada com innumerables gravuras e mapas, br. 10.000 enc.	13.000	Palavra Publica, do Prof. Dr. José Eduardo da Fonseca, (2a edição) br. 3.000, enc.	4.000
Nevroses, versos de Murillo Aranha, br. 4.000 enc.	5.000	Problemas da Guerra e da Paz, pelo Dr. Nuno Pinheiro (fiscal do Governo nos bancos), brochado 4.000, enc.	5.000
Nhônô Rezende, romance de Abel Juruá, (pseudonymo da escriptora D. Iracema Guimarães Villela), br. 4.000 enc.	5.000	Reminiscencias de um rabula criminalista, do Dr. Evaristo de Moraes, br. 10.000, enc. 12.000, chag.	14.000
Os Caiçaras, prosa do saudoso humorista Baptista Coelho, João Phoca, prefacio de D. Julia Lopes de Almeida, br. 3.000, encadernado	4.000	Ronda dos Seculos, (2a edição), de Gustavo Barroso (João do Norte), br. 5.000 enc.	6.000
O Patilrcha da Imprensa, do Dr. José da Fonseca (da Academia Mineira), br. 3.000, enc.	4.000	Silvestre Lagedo, romance de Plinio Cavalcanti, brochado 4.000, enc.	5.000
Outomno, poesias do saudoso poeta Mario Pederneiras, com illustrações dos nossos melhores desenhistas, br.	3.000	Sciencia parlamentar, de Hamilton, trad. de Otto Prazeres, brochado	3.000
O Imperio do Sarcasmo, do Dr. Caio de Carvalho, brochado	3.000	Tratado brasileiro do Jogo do Pocker, por José Caetano (pseudonymo) contendo regras indispensaveis, golpes certos, conselhos oriundos de uma longa pratica e varias pilherias, br.	3.000
O Feiticeiro, do Dr. Xavier Marques, da Academia, brochado 5.000 enc.	6.500	Terra Convalescente, poesias de Mausuetto Bernardi, brochado	3.000
Os Allados, comedia em 3 actos, de Gastão Tojeiro, br.	2.000	Tumulto, poesias de Prado Kelly, br.	3.000
O El-gante Doutorzinho, a proposito em 1 acto, de Gastão Tojeiro, br.	1.000	Torrente encadeada, poema de Octavio Augusto, brochado	2.000
O Acre, romance de Nios, br.	5.000	Tratado de sciencia occulta, de Mucio Teixeira, Barão Ergonte. A 1a parte trata exclusivamente da doutrina theosophica; a 2a ensina a maneira pratica de lêr a sorte pelas linhas da mão e pelas cartas de baralho. Trabalho magnificamente illustrado, dotado de um baralho de cartas adequadas á materia, cartonado	10.000
Os Gaúchos, de Mucio Teixeira (Barão Ergonte) Estudo do meio physico, do Momento historico, da Vida pampeana, do Cancioneiro popular, e Synthese biographica dos rio-grandenses illustres, 1º e 2º volumes, de grande formato, cada um, br. 7.000 enc.	9.000	Tonel de Diogenes, nova edição das notaveis chronicas do Conselheiro X. X. apparecidas em livro sob esse titulo, br. 5.000, enc.	6.500
O Hospede, romance de Aristides Rabello, br.	5.000	Ville de Josephat, continuação das famosas chronicas do Conselheiro X. X. (Humberto de Campos, da Academia), br. 5.000, enc.	6.500
O Imperador visto de perto, (Perfil de D. Pedro II), por Mucio Teixeira, Barão Ergonte, intimo da familia imperial decahida, br. 5.000 enc.	7.000	365 dias de Boulevard (2a edição), de Théo-Filho, br. 4.000 enc.	5.000
O Perigo americano, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br.	1.000	Marido e Amante, romance do Dr. Americo Werneck, br.	6.000
Poemas e Sonetos, de Ronald de Carvalho, obra premiada pela Academia, enc.	5.000	Um desfiar de lembranças, do Dr. Cyro de Azevedo, br.	6.000
Paginas de critica, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br. 5.000, enc.	6.000	Cousas do meu tempo, de Ernesto Mattoso, br.	5.000
Philosophia da Arte, do Dr. Vicente Licinio Cardoso, br.	6.000	Era uma vez... — versos de Guilherme de Almeida, br.	3.000
Prosas de Casandra, chronicas do Dr. Eduardo Ramos, preafcio do Dr. Ruy Barbosa, da Academia, br. 4.000, enc.	5.000		

PEDIDOS DIRECTAMENTE Á GRANDE LIVRARIA EDITORA

LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Enderaço telegr. ETIEL.

Telephones: Central 250 e 38

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Capital:

Anno	25\$000	Numero avulso	\$500
Semestre	13\$000	atrazado	\$600
Numero avulso	\$600		

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Anuncios:

1 pagina	200\$000	1/8 pagina	35\$000
1/2 "	110\$000	Capa a duas côres	450\$000
1/4 "	60\$000	" a trez "	600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. Jotta Abreu.

Telephone N. 4594

Para hygiene intima das senhoras
e para defeza secreta dos homens

MATIGON

Pharmacias ORIENTAL e WERNECK

Loteria do Rio Grande

Pagamento immediato e integral

Ordem das Extracções em Agosto 1922

Data da extracção	Premio maior	Valor do bilhete	Valor da fracção	Bilhetes que jogam
7 de agosto	100:000\$000	30\$000	3\$000	18.000
11 " "	200:000\$000	60\$000	6\$000	15.000
18 " "	100:000\$000	30\$000	3\$000	18.000
25 " "	100:000\$000	30\$000	3\$000	17.000
31 " "	200:000\$000	60\$000	6\$000	15.000

A VOSSA SORTE ESTÁ NO

CAMPEÃO DO SUL

AGENCIA GERAL DE LOTERIAS

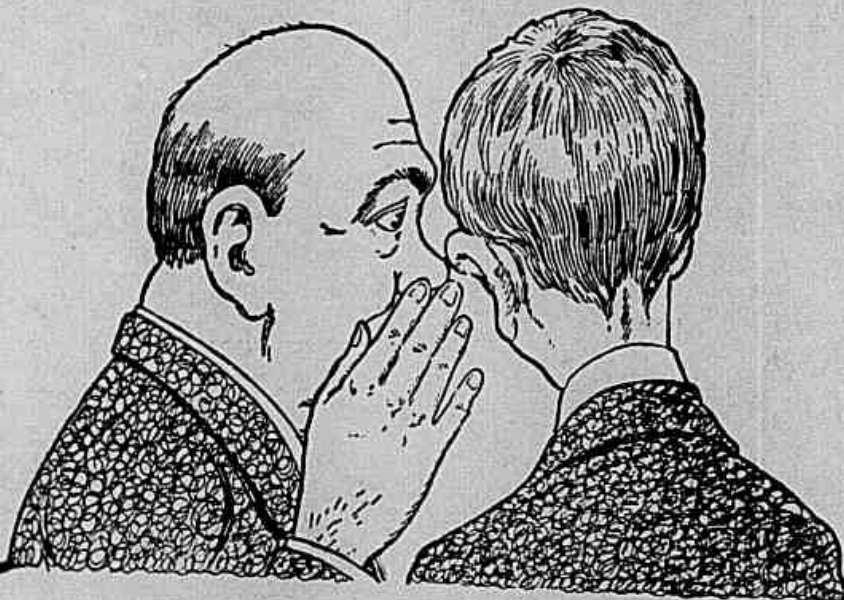
Raul C. Beirão & C.

6, RUA RODRIGO SILVA, 6

Caixa Postal 2166-Tel.: C. 2326

End. Telegr. CAMPEÃO

RIO DE JANEIRO



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de ABREU SOBRINHO

RUA DA LAPA, 6 - RIO